



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de  
Oswaldo Cruz

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***FREDERICO ADOLFO SIMÕES BARBOSA***  
(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães

Entrevistado - Frederico Adolfo Simões Barbosa (FA)

Entrevistadores - Antônio Torres Montenegro (AT) e Tânia Fernandes (TF)

Data - 16/12/1995 e 17/12/1995

Local - Recife/PE

Duração – 3h48min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BARBOSA, Frederico Adolfo Simões. *Frederico Adolfo Simões Barbosa. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães*, 1995. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 66p.

## Resenha Biográfica

Nasceu em 27 de julho de 1916, no Recife (PE), filho de Fernando Simões Barbosa e Maria Simões Barbosa. Formou-se em 1938 pela Faculdade de Medicina do Recife. Desde o início da carreira engajou-se tanto na vida acadêmica – onde foi docente das cadeiras de microbiologia, parasitologia, zoologia e medicina preventiva na Universidade do Recife, na Universidade Federal de Pernambuco e na Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco –, quanto no desenvolvimento de pesquisas e políticas voltadas para as condições de saúde de sua região ao longo das décadas de 1940 e 1950. O foco de suas investigações foi a esquistossomose, cujos fatores de desenvolvimento foram seu objeto de estudo. Em 1952 formou-se em história natural pela Faculdade Católica de Pernambuco. Participou da fundação do Instituto Aggeu Magalhães em Pernambuco, atual Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães (CPqAM), que dirigiu por dois períodos (1950-1961 e 1964-1969). Entre as décadas de 1950 e 1970 construiu uma significativa carreira de consultor e perito junto à Organização Mundial da Saúde (OMS), à Organização Pan-Americana da Saúde e à Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Entretanto, mantinha intercâmbios internacionais desde a década de 1940, quando realizou o mestrado na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade Johns Hopkins e outros cursos nos Estados Unidos. Na passagem pela OMS atuou como parasitologista responsável pela avaliação do uso de moluscidas no combate à esquistossomose em regiões africanas. Participou de pesquisa em Gana refutando relatórios anteriores da instituição que aprovaram o uso de tais produtos no mais importante lago do país. Após retornar ao Brasil, foi coordenador do Programa Internacional Brasil, Egito e Hungria de pesquisa sobre recursos humanos e atenção primária à saúde (1972-1975) e iniciou sua trajetória na Universidade de Brasília. Na Faculdade de Ciências da Saúde, como professor de medicina comunitária (1972-1981) e como diretor (1975-1976), desenvolveu programa de integração docente-assistencial junto às comunidades carentes do Distrito Federal. Esse trabalho pioneiro contribuiu para a formação de recursos humanos em saúde, combinando conceitos das ciências sociais e das ciências médicas para desenvolver nos estudantes pensamento crítico sobre os determinantes da doença e seu componente político/social. Integrou o grupo que participou da fundação da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da qual foi o primeiro presidente (1979-1981). Na passagem pela Universidade Federal de São Carlos e pela Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (1980-1984) deu continuidade aos estudos realizados em Brasília. Em 1983 ingressou na Escola Nacional de Saúde Pública como professor de epidemiologia. Foi diretor da instituição de 1985 a 1989 e desempenhou papel central na criação do Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa, transformado em departamento em 1993, que abriu espaço interdisciplinar para as pesquisas sobre os fatores e as estratégias de controle social do processo saúde-doença, em sua dimensão coletiva. Após sua aposentadoria, retornou ao CPqAM e deu continuidade aos estudos que o acompanharam ao longo de sua carreira: epidemiologia e estratégias de controle da esquistossomose. Morreu em 8 de março de 2004, no Recife.

## Sumário

### Fita 1 - Lado A

Lembranças da infância; a vocação profissional do pai e do avô; o espaço da cidade para uma criança naquele tempo; a inauguração do Hospital Centenário; a festa de inauguração; a Revolução de 1930; comentários sobre Pessoa de Queiroz; o alistamento do irmão e a convocação do mesmo para a Revolução de 1932; a prisão do pai; comentários sobre Agamenon Magalhães; o episódio de invasão da Folha da Manhã.

### Fita 1 - Lado B

Continuação da narrativa sobre o episódio contra o jornal de Agamenon Magalhães; a perseguição de Agamenon a sua família; Agamenon como interventor e sua perseguição aos integralistas; a perseguição sofrida e sua saída de Pernambuco; as dificuldades com o curso de medicina; a interferência da condessa e do conde Pereira Carneiro para sua liberação e a realização das provas de conclusão do curso de medicina; retorno ao Rio de Janeiro; a bolsa de estudos concedida por Assis Chateaubriand, em São Paulo; a Faculdade de Medicina; a opção pelo curso de medicina; a cultura médica brasileira e a influência europeia; o estágio no Hospital Centenário; referência a Samuel Pessoa e o curso de parasitologia, Aggeu Magalhães e Ulisses Pernambuco; o envolvimento com a psiquiatria e com a antropologia; a Aliança Nacional Libertadora (ANL); as reuniões políticas na faculdade; a pós-graduação com Samuel Pessoa, na USP.

### Fita 2 - Lado A

A pós-graduação em São Paulo e a ajuda de Assis Chateaubriand a estudantes nordestinos; a moradia em uma pensão; comentários sobre Samuel Pessoa e a Revolução de 1932; contatos com o grupo de Samuel Pessoa; a estada no Rio de Janeiro; o alistamento nas tropas da 2ª Guerra Mundial e o retorno a Recife; a década de 1945; a denúncia de falsificação de exames de fezes no Hospital da Aeronáutica; o assassinato de Demócrito em 1945; suas primeiras leituras marxistas; sua inscrição para ir à guerra; a possibilidade de ir para o Rio de Janeiro, a desistência e o acidente com avião; o curso de mestrado nos EUA e sua opção pelo trabalho de campo; a reação americana no fim da guerra; fatos marcantes da passagem pelos EUA; episódio de racismo.

### Fita 2 - Lado B

Continuação dos relatos do episódio de racismo; o primeiro casamento e as experiências de rapaz; a volta ao Brasil; as eleições no Brasil; o papel de Amílcar Barca Pellon e Aggeu Magalhães [pai] na organização do Centro; Aggeu (pai) e a organização da anatomia patológica de Pernambuco; comentários sobre Aggeu [pai]; a ida de Evandro Chagas a Recife; a criação do Serviço de Verificação de Óbitos e os primeiros estudos sobre esquistossomose; a construção do CPqAM; a indicação de seu nome para a direção do Centro; comentários sobre Barbosa Lima Sobrinho; o acompanhamento da construção do IAM; a inauguração do IAM e da Fundação Joaquim Nabuco; os funcionários do IAM; a esquistossomose; a criação dos centros de Belo Horizonte (MG) e da Bahia; as dificuldades

financeiras no IAM e o financiamento por instituições estrangeiras; o controle da endemia de esquistossomose; as discussões contra os moluscidas e o controle da esquistossomose no Egito.

#### Fita 3 - Lado A

As discussões sobre o uso dos moluscidas e as tentativas com produtos naturais; a mudança de Instituto para Centro de Pesquisas; a publicação de trabalhos sobre os moluscidas; os demais centros de pesquisa brasileiros; a pesquisa no Centro de Belo Horizonte; a política de controle da esquistossomose em Pernambuco; o uso de moluscidas em meados da década de 1950 em caráter experimental; o trabalho na OMS; algumas experiências com moluscidas no Egito; a Bayer e os moluscidas; as desavenças na OMS; as pesquisas no CPqAM e a liberdade de contratação e demissão; a relação com Agamenom e Aggeu; as atividades na universidade; a demissão do CPqAM; a gestão do Centro e as relações políticas com os governos; o INERu na gestão de José Rodrigues da Silva; a aposentadoria precoce.

#### Fita 3 - Lado B

A experiência na OMS e os interesses políticos; o veto aos relatórios sobre restrições ao uso dos moluscidas; a viagem a Gana; fatos marcantes na OMS; o retorno ao Brasil e os convites das universidades; o envolvimento com a educação médica e o cargo de presidente da ABEM; a escolha por Brasília e as divergências políticas; a relação com Pernambuco e a manutenção do trabalho no IAM; comentários sobre Francisco Arruda; o concurso de livre docência; comentários sobre o sistema de cátedras; a experiência em Brasília e a repressão na universidade; a aposentadoria especial; o título honoris causa; a gestão como diretor da Faculdade de Ciências da Saúde e as desavenças com o reitor; a criação da Associação de Docentes e sua participação; a invasão da Universidade de Brasília pela polícia; o financiamento de organizações internacionais de pesquisa.

#### Fita 4 - Lado A

O programa comunitário em Planaltina (cidade Satélite/Brasília); o cancelamento de convênios; a perseguição do reitor ao seu trabalho; referência a um documento papal sobre a absolvição de Galileu pela Igreja; o artigo 477: sua ação sobre os estudantes universitários e a posição da Congregação; o episódio na casa de um amigo ligado ao governo militar; o trabalho no Ministério da Educação, em Brasília; a perseguição em Brasília à sua esposa; as articulações com o CNPq; a Universidade de São Carlos; o processo eleitoral para reitor e a recusa da ministra; a separação da segunda esposa; Ernani Braga e o concurso para a Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp); a direção do Departamento de Epidemiologia e da Ensp; as atividades na ABEM; os quatro cargos ocupados na Fiocruz; a anistia e abertura política; a candidatura de Sergio Arouca para a Fiocruz; comentários sobre a política na Fiocruz.

#### Fita 4 - Lado B

O posicionamento político da Fiocruz; as novas diretorias e sua gestão; o Estatuto da Fundação; as dificuldades políticas; o retorno ao departamento e a criação do Núcleo de

Estudos Samuel Pessoa; a aposentadoria na Ensp e o contrato como pesquisador visitante; o retorno a Recife; a incorporação ao CPqAM e o trabalho com esquistossomose; as homenagens recebidas; a Festa das Rosas e a arrecadação de fundos para o Hospital Centenário.

Data: 16/12/1995

### Fita 1 – Lado A<sup>1</sup>

MN - Entrevista com o Dr. Frederico Adolfo Simões Barbosa, em 16 de dezembro de 1995, para o projeto *Memória do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães*. Dr. Frederico, vamos começar tentando o senhor lembrar as suas primeiras lembranças de infância, de meninice em Recife, já que o senhor foi menino de Recife.

FA - Bom, minha primeira lembrança da minha infância foi muito (...). meu avô, chamava-se Adolfo Simões Barbosa e o ambiente familiar sempre foi muito tranquilo. E eu vivi uma infância como todo garoto, jogando futebol, correndo de bicicleta, isso com muita liberalidade. Meu pai, meu avô eram homens profundamente liberais, no sentido assim não político eram mais abertos, liberação pessoal. Eram condescendentes, eram...naquela época que a educação formal era muito severa, lá em casa nós fomos criados com muita, com muita liberdade. Você perguntou quando meu irmão...eu(...)

MN - Dois.

FA - Dois irmãos? Elba...

MN-O senhor não deu o nome.

FA - Ah, (...) não precisou dar o nome não.

MN – Está bom.

FA - Mas isso foi o início da minha infância. Minha mãe era carioca, muito ligada à família, ao pai. O pai morreu muito cedo, o traumatismo era muito grande. Houve também uma transição muito violenta naquela época do Rio de Janeiro para o Recife. Eu me lembro de que minha mãe se queixava muito de que o sanitário era fora da casa. (...) Normalmente as casas tinham o sanitário fora da casa. E pequenas coisas desse tipo que me marcaram muito e me fizeram entender o mundo melhor através da minha... Tenho uma influência muito grande de meu avô e meu pai, ambos médicos (...) foram dois grandes clínicos de muito respeito, uma clínica especializada, diferenciada, elitizada (...) profissão liberal. Sempre me impressionou essa expressão profissões liberais, eram as três que existiam naquele momento, Medicina, Engenharia e Direito. Porque a minha visão quando eu

---

<sup>1</sup> Legendas:

(?) - trechos, expressões ou palavras ininteligíveis ou inaudíveis

(...) - pausas curtas durante a entrevista

(...) (...) - pausas longas durante a entrevista

(int) - interrupção da gravação

itálico - palavras ou expressões citadas em língua estrangeira

“aspas” - citações títulos de obras ou palavras inexistente e oficialmente

comecei a entender a profissão do meu pai e do meu avô, eu entendia que eles eram escravos da Medicina, a liberdade da profissão não existia, eles eram escravos de seus clientes, eles eram devotos de seus clientes. Isso me impressionou muito e me colocou muito contra a oportunidade de me tornar e de ser médico. Porque eu não sentia em mim a grandeza... e a vocação que meu pai e meu avô tinham com a sua clientela. Que tanto fazia atender um cliente rico como um pobre, da mesma maneira sempre. Meu avô sabidamente nunca cobrou a ninguém, não cobrava. Era um homem que foi presenteado com três automóveis, ele ganhou de presente, a casa em que ele morou ultimamente, era uma casa doada também pelos amigos, pelos clientes, de modo que era realmente uma Medicina de um tipo muito liberal. Os meus primeiros estudos foram feitos numa escola particular, de uma professora que eu não me lembro mais o nome. E... ainda passamos, ainda passamos, os dois meninos ainda passamos, um ano, um ano e meio e depois, (...) o curso primário. O curso secundário foi no Colégio Nóbrega, aí eu tive conflitos principalmente com o meu irmão e com os padres de educação jesuíta naquela época ao contrário do que é hoje, educação muito repressiva e hipócrita. Nós fomos obrigados no fim do curso a sair do Colégio Nóbrega e terminar o secundário no Carneiro Leão, o nome era Pedro Carneiro Leão. Aí terminamos os estudos em 1932.

MN - Aos 16 anos?

FA - Aos 16 anos.

MN - Mas vamos voltar a esse período da infância. Que acontecimentos, como era a cidade para uma criança naquele...

FA - A cidade era uma...tranqüila. Extremamente tranqüila, portanto o trânsito eram os bondes, não havia ônibus. Os primeiros automóveis...Meu avô foi uma das primeiras pessoas a ter o primeiro automóvel. Tranqüilidade que se permitia às pessoas, às próprias crianças e uma coisa meu pai era muito restrito como médico, ele não queria que nós éramos atletas, fazíamos no Clube Náutico Capibaribe. E aí foi numa das primeiras contradições que eu senti no meu pai, mas eu compreendia porque ele achava que o remo, não sei porque ele deve ter lido alguma coisa na literatura internacional ou nacional, que o remo fazia mal a (...), então ele proibia sistematicamente nós remarmos, e nós (...) correndo nas regatas que se faziam, acho que ainda se faz no rio Capibaribe. E numa ocasião ele nos surpreendeu e nós prometemos que jamais correríamos nas regatas. Mas novamente isso foi infringido, meu pai ficou pela primeira vez na vida furioso. Ele nos recebeu em casa com...ele nunca nos tinha batido, nunca. Nem bateu nesse dia porque minha mãe interferiu, mas ele ficou realmente furioso e daí por diante realmente nós deixamos realmente de remar. Foi um choque muito grande e entre o desejo nosso certamente de uma exibição, o físico, e eu era extremamente magro!(...) Meu irmão não era mais gordo, e isso me marcou, marcou muito e eu pedi desculpas a ele pela, pela (...) por ter mentido. Bom, alguma coisa a mais sobre esses dados, não?

MN - Acontecimentos já, fora esse que o senhor lembra do remo, que outras coisas...

FA - Acontecimentos tem um que ficou na minha memória foi a inauguração do Hospital do Centenário. Não sei se você sabe que o Hospital do Centenário é o atual Hospital do

Ipsep e foi dado o nome de Centenário em homenagem ao centenário da Independência de 192...

MN - Dois.

FA - Dois. Ele foi inaugurado dois anos mais tarde, em 1924. (...) atividade envolvendo o meu pai, com recursos do governador da época Sérgio Lourenço e com recursos principalmente da área privada, clientes amigos dele contribuíram e construíram aquele hospital que foi o melhor hospital do Brasil, naquela época. Essas coisas também são, do que eu me lembro da festa, lembro-me que meu pai levou o piano dele para tocar durante a festa, e me lembro de uma tempestade que caiu...

MN - No dia da festa?

FA - Não, no dia seguinte da festa, no dia seguinte da festa, e ele se queixou que estragou o piano dele, ele ficou sem o piano. Ele gostava de tocar, tocava bem, tocava clássico. Mas isso, essa época no Brasil, 1924, era uma época de muita turbulência política. Eu não me descobri muito, ainda era muito pequeno para tomar conhecimento da coisa. Mas senti através do meu pai e do meu avô. Meu avô foi político, senador e deputado. Meu pai nunca foi político militante, mas pertencia à UDN, recentemente isso. Agora naquela época, 1930, houve a Revolução de 30, foi muito marcado para mim também. Nós morávamos nos Aflitos, ali mais ou menos próximo ao clube Náutico.

MN -O senhor tinha nessa época 14 ou 15 anos?

FA - Era 14, 15 anos, e estou muito bem lembrado do meu pai ter que sair, ele nunca saía no carro dele, sair do Hospital Centenário que era pertinho. Mas as balas chegavam até a nossa casa (...) era uma casa de dois andares, eu dormia no colchão, me preocupava muito. Eu me preocupava também porque meu pai escondeu em casa um irmão de Carlos Lima Cavalcanti, um irmão médico de Carlos Lima Cavalcanti que era o chefe da revolução, naquela época. A revolução durou quatro ou cinco dias. Depois de restaurada a paz a luta continuou no sul do país, você se lembra?

MN - Não, eu li sobre isso.

FA - A revolução continuou no sul do país, e foi formado aqui um batalhão. O meu irmão era muito agitado, eu era quietinho, mas foi..., (...) a Revolução de 1930... sim! Então o Lima Cavalcanti foi governador, interventor naquela época, assumiu o governo do estado. E houve um movimento popular, a Revolução de 1930 como você sabe, foi realmente uma revolução popular.

MN - Mas aqui em Recife teve uma participação popular, não é?

FA - Teve uma participação do povo. Eu me lembro do povo saindo nas ruas, assalto às casas dos antigos...dos antigos...

MN - Tenentistas.

FA - Tenentistas, embalando as casas, o povo passando defronte das casas, das casas deles, com baldes na cabeça, com uma porção de coisas roubadas, ou melhor, resgatadas!

MN - (risos) Quer dizer que todos aqueles que apoiavam o governo de então, pelo menos em Recife, houve um princípio assim de invasão das casas pelo...

FA - Houve a invasão das casas. Eu me lembro muito bem que o palacete dessas pessoas, eram pessoas realmente visadas. Hoje é na esquina ali de Chora Menino. Acho que você não se lembra dessa casa, foi derrubada, tem era um prédio que levou anos para se construir, ainda hoje não acabou (...) Estácio Coimbra surgiu, não é, deputado...(..)

MN - Que outras famílias foram alvo nesse momento? Pessoa de Queiroz, o senhor lembra de outras?

FA - Pessoa de Queiroz...não me lembro, não.

MN - Quer dizer que o povo pela rua e...

FA - O povo pela rua...

MN-E as casas que eles sabiam que eram do...

FA - O povo foi todo armado pela revolução de modo que os tiros continuaram, houve troca de tiros durante muito tempo. Até que a coisa serenou novamente com a deposição do Estácio Coimbra. Era Estácio Coimbra? Não! O Estácio Coimbra aqui e a deposição do...

MN - Washington Luís.

FA - Washington Luís. Nesse intervalo enquanto as tropas do sul subiam com Getúlio Vargas, para enfrentar as famosas batalhas que nunca ocorreram (...) os estados (...) que não haviam vencido a Paraíba, Pernambuco, constituíram uma força, uma força popular mesmo, para combater os sulistas...Eles nunca imaginavam que a revolução acabasse tão cedo, então o quartel do Derby ali, o quartel da polícia do Derby, era o centro da formação civil, e como é, o endereço no qual as pessoas que queriam participar da revolução deveriam...

MN - Se dirigir.

FA - Se dirigir. Eu estava em casa com meu pai quando o telefone toca e um amigo dele, a cidade era muito pequena, todo mundo se conhecia, uma elite, dos profissionais liberais de certo modo pertenciam a ele quando eram bem sucedidos. Era uma elite, mas meu pai era rico, nunca foi rico, nunca ganhou dinheiro mais que o merecido, o essencial. Mas então as pessoas se conheciam. Então alguém telefona para ele, "O seu filho, tem um filho seu alistado nas tropas revolucionárias que está saindo agora, vai marchar, ia marchar frontalmente pelas ruas do Recife." Isso ficou bem marcado em mim e...

MN - Ninguém em casa sabia?

FA - Ninguém sabia.

MN - Nem a você mesmo ele nem lhe contou?

FA - Não, não. Ele não me contou. E era uma coisa muito amadorística, porque o rapaz se apresentou, ele se apresentou naquela mesma hora na mesma hora lhe deram a farda e o fuzil e colocaram no pelotão. A coisa feita assim, de modo que não se sentiu a falta dele em casa porque não deu tempo, isso era à tarde, era quatro horas da tarde e o meu pai foi lá, (...) fala com o comandante, e consegue liberar o filho (...), puxa vida!

MN - Seu irmão?

FA - Meu irmão, naquela época ele veio para casa, não ocorreu nada, (...) mão na cabeça, muito bem. Pouco depois, poucos dias depois, eu e meu irmão estávamos no cinema. Saindo do cinema...

MN - Qual cinema?

FA - Cinema...não sei se existe ainda, é teatro também na rua do Hospício.

MN - Teatro do Parque?

FA - Teatro do Parque.

MN - Foi lá o cinema que...

FA - Teatro do Parque.

MN-É?

FA - Sempre foi teatro e foi cinema ao mesmo tempo. Mas eu não estou dialogando muito...?

MN - Não! Não, está perfeito. Eu acho que é funda...

#### INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

FA - Estávamos eu e meu irmão Otávio, chamava-se Otávio, saímos do Teatro do Parque `Ss seis horas da tarde. Quase escurecendo já, há dias que se proclamava pelas ruas, alto-falantes, que a revolução continuou assim popular com alto-falantes pelas ruas anunciando, Um auto falante anunciava que tinha partido do Rio de Janeiro uma esquadra, o governo não tinha caído ainda, tinha partido uma esquadra do Rio de Janeiro, comandada por um general que era o chefe das tropas de terra. Era um general que tinha o apelido de Rapa Côco e eu não me lembro o nome dele. Rapa Côco iria desembarcar na praia de Tamandaré, na bacia de Tamandaré, conhece Tamandaré?

MN - Não.

FA -É um belo porto natural. E os holandeses desembarcavam ali, no período da guerra holandesa, e nesse momento que nós saímos do Parque, passava um desses alto falantes dizendo que o povo devia se reunir, e deu vários locais para o povo se reunir um dos quais, a nossa Faculdade de Direito. Que ainda é ali, não é?

MN - É no 13 de maio.

FA - Não foi para...

MN - Não, não foi para o *campus* não.

FA -A Faculdade de Direito do Recife então era mais próximo de onde nós estávamos, então o Otávio disse “Eu vou! Se você quiser ir você vai, se você não quiser...”. Em solidariedade eu disse: “Eu vou também.”

MN - Quer dizer, era um auto falante denunciando que iam chegar tropas do sul contra revolucionárias.

FA -Contra revolucionárias.

MN -E convocando o povo para se reunir em alguns pontos da cidade.

FA - Em alguns pontos da cidade para montar a ...

MN - Resistência.

FA - A resistência ao meu avô, que eles deveriam descer, desembarcar em Tamandaré e seguir pela aquela estrada, entrando pela zona sul do Recife, e então nós corremos para lá, seis horas da tarde, eles deram logo um fuzil e eu era magrinho, com aquele troço no pescoço e ficamos, e meu pai rodando, nos procurando, porque chegou tarde, nós chegamos em casa e ele ouvia também os sinais (...) Mas nós ficamos até meia noite. À meia-noite mandaram buscar, (...) eu me lembro muito bem disso, era uma multidão, uma multidão, e à meia-noite eles deram o sinal de que foi falso, o desembarque. Mas que a ameaça continuava e que em qualquer outro momento eles poderiam chamar e os outros seriam dispensados. Deixamos, nos liberaram e nós voltamos para casa. Em casa houve também outra cena, que nós tivemos que confessar por pontos, houve nova repreensão, mas isso de forma muito liberal... Isso foi... Bom, a Revolução de 1930... a revolução vitoriosa, muita festa, muita coisa. Meu pai era muito amigo de Carlos Lima Cavalcanti, mas nunca aceitou nenhum cargo político, meu avô era deputado federal. Foi cassado (...) porque eles fecharam a Câmara, o Getúlio assumiu ditatorialmente o governo e foi...

MN - Nessa época o seu avô morava no Rio?

FA - Não, nós morávamos aqui em Recife.

MN - Mas mesmo seu avô como deputado federal?

FA - Não como deputado federal ele morava no Rio.

MN -E nessa época de 1930 ele estava aqui ou estava no Rio?

FA - Estava no Rio. Ele era deputado, estava no Rio, antigamente não havia essas facilidades, não havia avião... Bom então se seguiu o período pós-revolucionário de muita festa, de muita alegria até a revolução de 1934. De São Paulo?

MN - Constitucionalista, 1932.

FA - 1932, dois anos depois (...). Essa convocação que Otávio meu irmão, corrigindo, essa convocação que Otávio meu irmão participou (...) se registrando no quartel da Polícia Militar foi na revolução de 1932. Que eles armaram o Brasil inteiro fizeram uma convocação e armaram forças populares, forças do exército, forças da polícia.

MN - Sei.

FA - Então (...) 1932 os principais acontecimentos são esses. Nós (...) numa ditadura Vargas violenta. Tão violento quanto (...). Pode ser que seja um ponto de vista meu (...) Mas ela foi extremamente violenta meu pai foi preso.

MN - Ele foi preso?

FA - Foi preso. Preso (...) a prisão atualmente todo mundo (...) O diretor da prisão era amigo dele (...). Meu avô de barbas brancas, de cabelos brancos (...) parecia o Washington Luís (...) levou a cadeira e sentou-se na rua defronte a entrada da detenção que é onde hoje é...

MN -A Casa da Cultura.

FA - A Casa da Cultura. Até que desmaiou e os amigos dele carregaram. Depois com as ligações políticas e tão (...). Nesse ínterim, eu que não sabia da prisão de meu pai, eu tinha... Não vamos contar muita coisa a meu respeito porque parece levarmos...

MN - Não, são detalhes importantíssimos para a História.

FA - Antes desse fato, antes de meu pai ser preso, eu me lembro muito bem de uma frase dele quando assumiu o governo já eleito, porque ele foi eleito depois... Ele dizia 'eu também sei governar em democracia', e me lembro outra frase dele que não esqueço, outro dia foi lembrada por alguém no jornal Diário de Pernambuco, uma frase dele, que dizia 'coitado de um país que o (...)' ele tinha um jornal que agora eu não me lembro do jornal. Sabe o nome?

MN - Sei, o *Diário da Manhã*...?

FA -*Folha da Manhã*, não? Isso deu uma reportagem...

MN - Eu tenho.

FA - (...) escrevia, escrevia diariamente. Ele se pois com ódio do meu pai, fazendo intrigas. Ou mesmo por ódio mesmo. Ele era um homem odioso, né? (...) do meu pai. e ele começou a escrever artigos... E ele, nessa ocasião (...) e ele o hospital Centenário militarmente (...) E eu me lembro de uma frase muito generosa do meu pai, (...) depois de passar tudo isso quando o governo se tornou liberal novamente, que sugeria a ele retomar o Hospital Centenário. O Hospital Centenário não era dele! Era uma associação com um diretor (...)

MN-É como se fosse uma fundação?

FA - Era uma espécie de fundação. Ele não era nem o presidente, ele era o diretor nomeado por esta fundação, por este conselho, pelo diretor do hospital que foi realmente quem construiu o hospital. Uma frase generosa dele, quando ele sugeriu retomar o hospital (...). Havia até um depósito no banco, no Banco de Pernambuco ali na rua da ... não lembro o detalhe. Havia um depósito em dinheiro que pertencia ao Hospital Centenário que nunca o Agamenon conseguiu meter a mão.

MN-(...) gosta tanto de moedas, como é que fica?

FA - Mas esse foi um episódio encerrado e nós voltamos então a...

MN - Agora qual era o, a razão quer dizer que, da prisão do seu pai? Quer dizer, ele tinha simpatia com o Partido Comunista? Tinha alguma coisa que...

FA - Não, mas ao grupo socialista, que nunca foi comunista nem mesmo socialista, para um liberal. E meu avô foi um...

MN - Republicano?

FA - Republicano...que se dizia...

MN - Positivista?

FA - Positivista. foi até a morte. (...) Tem uma tese dele aí, uma tese (...) que ele dedica aos fundadores...

MN - (...)

FA -(...) Mas ele dizia que não queria voltar para a \_\_\_\_\_, né? Mas eu nessa ocasião, eu estava numa aula, sete horas da manhã no Hospital Pedro II, quando um colega meu me passou um, era uma aula muito monótona (...), muito monótona e tal, se cochilava até na aula porque era muito cedo sete horas da manhã. Então ele me passou um jornal, Folha da Manhã, né? Acho que é Folha da Manhã. O Agamenon escrevia um artigo curtinho cada dia, e tinha um ataque muito grosseiro a meu pai. Eu, acho que tive fora de mim completamente (...)

MN - Não, fale! É importante, importante.

FA - Então eu saí a rua e fui praticamente correndo até a Folha da Manhã que era no Bairro do Recife. (...) eu me lembro de um banco (...). Subi as escadarias, escadarias altas, primeiro andar do jornal. E lá atrás o redator da folha, não me lembro o nome não... e entrei na sala dele, quando ele me viu, eu devia estar como um louco. Não sei se ele me reconheceu ou não, ele começou a correr e eu saí atrás dele dentro da redação e sentindo que a redação estava gozando com a história. Quando acabei, ele trancou-se numa outra porta que eu não consegui derrubar aí me irritei com um funcionário qualquer lá que foi pegar o telefone, arranquei o telefone, quebrei vidraças, derrubei a mesa com máquina de escrever. Uma coisa de louco, né? e saí, tranqüilamente...

MN - Ninguém o molestou?

FA - Ninguém me molestou, mas eles de certo ponto...

### **Fita 1 – Lado B**

FA - Eu desci tranqüilamente as escadas do jornal, sem nenhum ferimento e caminhei de volta até o (...) onde meu pai tinha consultório e onde ele passava todas as manhãs e... para pegar a mim e meu avô clinicava ainda no mesmo consultório pela manhã e ele nos recolhia quando ele ia almoçar em casa (...). Quando eu entrei no carro, tranqüilo, absolutamente tranqüilo, aí eu contei a papai (...). Você não vai para casa, já deve ter polícia lá em casa. Que a polícia espreitava, sempre nós tivemos policiais aqui em nossa casa, anotando o número do automóvel (...) toda ditadura é igual!

MN - Quer dizer que a casa de vocês era vigiada durante o período...

FA - (...) Boa Viagem foi destruída 3058 na Avenida Beira Mar.

MN - Nessa época, nessa época de Agamenon vocês moravam ainda perto dos Aflitos?

FA - Não, na época...nos mudamos para cá em 1937.

MN - Agamenon, Agamenon, tomou posse em 1938. Foi logo depois em 1937, final de 1937, início de 1938, não é isso?

FA - É.

MN - Logo depois...

FA - Posse como governador, né?

MN - Como interventor.

FA - Como interventor, em 1937?

MN - Foi. Porque antes era ministro. Ele ficou de 37 a 45.

FA - É. E ele me disse ‘vou levá-lo em casa de um amigo nosso. Pra você ficar escondido por enquanto até que...vamos ver o que vai acontecer.’ E de fato o Agamenon ficou furioso, e dizia que ia pegar esse moleque, fez tudo pelo jornal!

MN - Escreveu artigo sobre isso?!

FA - Escreveu um artigo sobre isso. E ...

MN - Citou seu nome no jornal?

FA - Citou. Eu não tenho, essa folha eu perdi, ou melhor eu acho que rasguei essa folha com raiva, alguma coisa dessas...Mas eram vários artigos com meu pai, (...) ele continuou a escrever sobre meu pai. Meu pai tinha isso tudo guardado, (...) eu perdi ou rasguei (...). O fato é que, Otávio meu irmão (...) era filiado ao Partido Integralista.

MN - Partido Integralista?

FA - Partido Integralista.

MN - De Plínio Salgado?

FA - Plínio Salgado. Que foi perseguido depois por Getúlio, depois...

MN - Depois de 1938, né? Depois do levante de 1938.

FA - E houve uma perseguição tremenda (...) muito bem. Uma perseguição muito grande, (...) aos integralistas e ele teve que fugir para não ser preso. Fugiu..., é outra epopéia dele, ele fugiu daqui com mais... eu não me lembro as pessoas, com dois ou três mais. Eles foram viajando de casa em casa, se escondendo de casa em casa até que chegou no Rio de Janeiro (...). Mas voltando a mim, eu fiquei escondido na casa do diretor ... do proprietário da (...), ele morava ali naquela...

MN - Junto da fábrica?

FA - Ele morava perto da fábrica num grande terreno, e eu fiquei escondido lá por alguns ... por alguns ...

MN - Sem sair?!

FA - Sem sair. Saindo raramente, sem sair nem pra o terreno (...). E, não me lembro por quantos dias, mais talvez uns 30 dias (...). Eu estava no sexto ano de medicina, eu deixei de me formar por causa dessa fuga. No meio do ano eu perdi as terceiras provas parciais. Antigamente o curso superior era feito em três provas parciais, com média sete, você

passava por média se não tivesse média sete fazia exame final. Eu tinha notas boas, nunca fui um brilhante aluno, mas passava com facilidade. Então depois eu recebi a (...), eu não me lembro o nome dele... Estava com um carro, ficava lá em casa lendo em cima do (...), eu ficava lendo o tempo todo, era o que eu podia fazer. Naquele tempo não havia televisão, não havia rádio (...). E até que chegou o sinal de que eu não podia mais ficar ali, eu não sei se o Agamenon suspeitou ou outra coisa. E também para o amigo dele não ser (...), então eles marcaram, organizaram uma estratégia de fuga minha do Recife. Então eu fui ao lado do motorista. O motorista simplesmente era um delegado de polícia. Era uma época que a (...)

MN - Cheio de cabelo.

FA - Cheio de cabelo ou barba, se usar barba era a palavra (...) aos amigos, liberdade absoluta. Então (...), eu me lembro muito bem quando eu passei na fronteira de Pernambuco com Paraíba (...). Ele me deixou na (...), ele me deixou em João Pessoa na estação ferroviária de João Pessoa, no horário tinha um trem já confirmado. Eu quando entrei (...) um médico famoso, primo meu, daquelas relações que não se acabam nunca nem depois da morte, né? Eu fui pra casa dele e fiquei novamente enclausurado, na casa desse médico. Porque um interventor, essas coisas são, marcam época, faz amizades (...) Genário Sintra era íntimo amigo do governador, do interventor do estado. Interventor do estado. E Natal vivia uma democracia o (...) era médico, eu não me lembro o nome dele. Tinha sido colega da turma do meu pai no Rio de Janeiro e (...) eu estava lá, mas com obrigação de não sair. (...) não me agüentava mais (...) fazendo umas vigílias noturnas ....

MN - (risos)

FA - Logo depois que Agamenon soube mandou dois policiais daqui do Recife para me prenderem. Mas o governador estava avisado, ele sabia que eu estava lá. Eu estava em casa, mas ele prometeu qualquer coisa comunicar e realmente ele telefonou (...) e (...). Os guardas chegaram, os policiais chegaram mas como toda polícia respeita outra polícia não entra (...) em contato com polícia, não é? Essa coisa demorou um pouco, mas eu saí imediatamente pro telefone (...), disquei para casa dos Pedrosa. (...) Tinham fazendas, a fazenda dos Pedrosa. Pedrosa um dos quais depois, muito tempo depois o governador (...). E aí fiquei até certo ponto tranquilo, porque morava na casa da fazenda, não tinha, a cidade próxima era muito longe. Morava (...) aí eu não estava mais prisioneiro. Mas chegou o momento em que novamente se descobriu que eu estava em casa dos Pedrosa. E eu ... daí montou-se outra estratégia parece até 'Pimpinela Escarlata', né? (risos) Eu disse 'Pimpinela Escarlata', porque era aquela escritora cearense que escreve no Diário de Pernambuco.

MN -É, Rachel de Queiroz?

FA -É ótimo, achei muito interessante. Citando essas coisas do governo atual, coisas do Pimpinela Escarlata, a pasta cor de rosa. Mas a ..., então nessa estratégia eu recebi uma...identidade com outro nome...Augusto Silva, o que influenciou o nome do meu filho depois. E com passagem marcada, mas não tinha viagem direta Natal / Rio de Janeiro (...). Então eu tinha que passar por Recife, foi o recado que eu recebi por um dos passageiros,

um passageiro de confiança, era de embarcar em tal hora, com tal bilhete, tal nome e... de Natal chama-se o médico de bordo.

MN - De navio ou de trem?

FA - De navio! A aviação estava começando. Eu chamei o médico de bordo (...), estava passando mal, ele me receitou qualquer coisa e eu como pretexto fiquei no camarote enquanto o navio encostou em Recife. Medo eu tive agora nessa façanha, porque eu passei (...) saí de manhã, chegou a tarde aqui, (...) fiquei no camarote. Passei a noite inteira, de noite e de madrugada o navio saiu. Vai parando em outro porto, ia parando em outros portos e a viagem corria entre cinco e seis dias de viagem. Até que eu cheguei ao Rio de Janeiro e fiquei em casa de um tio meu. Aí as coisas foram se tornando mais tranqüilas, tranqüilas eu não digo, a ditadura ainda era feroz... mas aí havia jogo de poder, o jogo de poder que permitia essas coisas, permitiam que eu me formasse (...). O Agamenon previa minha entrada no estado, mas a era do meu avô - o conde Pereira Carneiro, o primeiro Conde Pereira Carneiro, que era do Jornal do Brasil que era de Chateaubriand na época, né? (...) Foi derrubada a casa em que ele morava. Morava aqui no centro (...), na Boa Vista. Morava não, passava as férias de Natal, de Natal e Ano Novo...

MN-O Conde?

FA -O conde e a condessa. A primeira condessa...

MN - O Natal aqui?

FA - O primeiro conde não, não teve primeiro conde, teve uma segunda condessa porque ele casou depois da morte dessa primeira. A primeira condessa (...) 'eu vou mandar buscar Frederico (...), em dois ou três dias imediatamente deu ouvido. (...) foi me buscar no cais do porto, entrou com o carro dentro do cais do porto...

MN - No Rio?

FA - (...) eu estava no Rio já. Ela foi pedir ao Agamenon, pedir imperiosamente, (...) eu vou mandar buscar (...) vou mandar buscar no meu carro. (...) e ele mobilizou, por isso que eu digo que hoje (...), mas é da época! Ele mobilizou toda a faculdade de Medicina, como eu só tinha feito duas provas e perdi a terceira. Eu não tinha a nota máxima, era sete (...) . Vinte, se eu tirasse dez e dez, vinte daria (...). eu não tinha tirado (...) em todas as matérias. Naquela época no sexto ano havia internato, o sexto era uma série de especialidades (...). De modo que eu fiz cerca de 6 exames num dia só, isto é, os professores se reuniram para me examinar. Basicamente foi uma (...). Aí começa minha vida profissional propriamente dita.

MN-É, é...

FA - Falta alguma coisa, se eu pulei alguma coisa...

MN - Não, não, está ótimo! Eu queria só, precisar mais. Quer dizer o senhor chegou no Rio aí o seu avô conseguiu junto ao conde Pereira...

FA - Pereira Carneiro.

MN - Pereira Carneiro que influencia junto a Agamenon para o senhor voltar apenas para fazer as provas.

FA - A condessa, principalmente a condessa. Ela foi quem...

MN - E em que mês foi isso? O senhor lembra em que período foi?

FA - Foi no fim do ano (...) de dezembro porque a formatura foi no dia 9 de dezembro a minha não pode ter sido no mesmo dia.

MN - Sim, mas não...

FA - Foi no fim de dezembro.

MN - Então o senhor veio, o carro lhe apanhou no porto...

FA - O carro me apanhou.

MN - O senhor fez as provas?

FA - Fiz as provas.

MN - E no outro dia não voltou novamente pra o ...

FA - Dormi uma noite em casa de meu pai e no dia seguinte ou dois dias depois tomei o navio de volta (...). Não, foi pro Rio de Janeiro por um momento, mas eu estava inscrito numa pós-graduação, isso não está registrado também, mas foi a primeira pós-graduação... informal, feita no estado de Pernambuco... (...) Arsênio Tavares não sei se você conhece o nome, um cirurgião, um famoso cirurgião.

MN - Arsênio?

FA - Arsênio. Pai do Luís Tavares (...) Arsênio Tavares com... Assis Chateaubriand, era Chateaubriand, com Assis Chateaubriand. Instituíram bolsas de estudo para seus alunos pernambucanos para passarem dois anos em São Paulo. Um ano ou dois anos em São Paulo. E logo que eu me escrevi nessa, eu estava no Rio soube disso, fui a São Paulo e me inscrevi na (...) E foram concedidas 6 bolsas. De modo que eu fui ao Rio somente passar uns dias em janeiro eu estava em São Paulo onde eu estagiei com uma pessoa que teve grande influência profissional e moral na minha vida Manoel Pessoa (...), mas isso é outra história que vem depois.

MN - Vamos voltar agora a sua época ainda aqui, por exemplo o período de Nóbrega, depois Carneiro Leão. O pré-médico, era o pré-médico, pré-jurídico, não é?

FA - Na minha época não havia mais pré-médico.

MN - Já tinha acabado?

FA - Tinha acabado.

MN -O senhor não foi para o Ginásio Pernambucano?

FA - Eu fui ao primeiro ano, nas provas do primeiro ano. Todas as provas dos colégios particulares eram feitas no... então eu fiz provas no... por sinal tive minha primeira reprovação em Aritmética, não era matemática não, era aritmética. Lembro da reprovação que eu fui do primeiro ano, lá do secundário. Antigamente era cinco anos o secundário, por isso era possível matricular-se com 16 anos na faculdade. (...) fui reprovado em Matemática no primeiro ano do secundário. E antigamente havia um sistema chamado de segunda época, que era feito em março, antes de começarem as aulas (...) professores particulares e passei facilmente (...)

MN-E durante esse período do secundário houve algum acontecimento marcante nessa vida estudantil?

FA - Bom antes...Bom, eu fiz muito esporte, eu era esportista e eu sempre fiz Educação Física (...) eu era muito ativo (...) em matéria de atividades. Eu estudava (...) nunca passei em primeiro lugar. (...) é a minha definição (...), é a minha definição como (...), eu estava na dúvida, eu tinha certeza que eu não tinha vocação nem as qualidades de médico de meu pai e meu avô para uma profissão realmente, que era naquela ocasião uma profissão de...

MN - Era um sacerdócio, né?

FA - Era a expressão que eu estava procurando, porque era um sacerdócio, (...) folga no hospital Pedro II (...), também a vivência minha através das... caveiras, das cirurgias me chocava muito, como me chocou também o (...) de Anatomia, né? (...) e a má qualidade de professor, com exceção de algumas figuras clínicas da maior relevância. Naquela época predominantemente era clínico, era a escola francesa e a escola alemã influenciavam muito a cultura médica e os Estados Unidos ainda não tinham entrado. (...) lia nos livros franceses, quase todos dominavam a leitura em francês, ou então umas traduções espanholas de (...), tradução espanhola dos livros alemães (...) nós tínhamos acesso à cultura francesa e à cultura alemã (...). Então eu passei essa minha... secundário...(...) isso aí eu estou falando em relação ao curso médico.

MN - Mas o que fez o senhor optar pela Medicina?

FA - O que me fez optar pela Medicina foi em uma outra oportunidade eu insinuei cheguei a falar para meu pai me mandar para São Paulo fazer ciências biológicas. Não existiam, naquela ocasião só existiam as três faculdades, e eu não (...) O outro meu irmão ficou no Rio de Janeiro definitivamente, morreu no Rio de Janeiro. Então não tinha outra possibilidade então senão, fazer o curso médico. (...) então me inscrevi no curso médico,

passsei com facilidade e cursei medicina sem maiores problemas. Eu posso citar alguns nomes importantes da clínica médica, meu pai, e muito (...) seu trabalho como cirurgião...

MN - (...) trabalhos? No Rio, né?

FA - Não aqui, estou falando aqui da minha formação (...) (?) Lima que agiu, eu tenho que fazer outra queixa, o (?) Lima agiu muito mal em relação a meu pai. Porque foi ele que foi nomeado o diretor do centro escolar, naquela ocasião chamava-se Centro Escolar, ele participou da tomada do Hospital Centenário (...) Mas não (...) o valor que ele tinha como ortopedista. E outro nome Mário Ramos e alguns nomes importantes, mas o ensino em si era muito mal! E era voltado muito para a parte clínica. E o que eu queria aproveitar da parte básica, era a minha formação biológica. Porque eu estava pensando (...) E passei por estas, por estas disciplinas clínicas, com muito, gazeando o máximo possível, tanto que de clínicas médicas eu não, não entendo nada. (...) me dedicar ao trabalho em algum laboratório, o laboratório que eu encontrei foi o laboratório do Hospital Centenário, que ainda estava de posse do (...) Bom, outra influência muito grande também, é que no meu quinto ano médico esse professor que eu já citei, professor da Universidade de São Paulo, Samuel Pessoa veio a Pernambuco e deu um curso aqui de 2 meses de Parasitologia, isso decidiu a minha, minha orientação por doenças parasitárias. Um curso feito de maneira muito boa, de maneira muito racional com coisas que a gente não conhecia. (...) cada um sentava com seu microscópio, toda aquela rotina da Universidade de São Paulo e aqui as aulas eram teóricas (...). Não esqueço isso me marcou definitivamente na carreira como biólogo e principalmente como parasitologista. Fiz esse curso completo aqui, ganhamos cada um no final uma caixinha de lâminas (...) E com isso eu não sei se tem mais alguma coisa (...) de repugnância do primeiro ano da faculdade anatomia geral. Minha repugnância pelos exames de anatomia patológica (...). Devo citar também o nome de Ageu Magalhães pai, que era o professor de anatomia patológica, fundador da anatomia patológica e não quero deixar de citar Ulisses Pernambucano que foi o fundador da psiquiatria normal em Pernambuco, não é? Mas a... aí se definiu então, embora eu já admirasse, cheguei a pensar em psiquiatria (...) manicômio (...) apesar de brilhantismo devia ser homem primeiro. As conferências dele, ele fazia muitas conferências (...) mas o trabalho que havia com os pacientes é o que (...)

MN - O senhor chegou em algum momento a ficar balanceado pela psiquiatria?

FA - Pela psiquiatria. E depois também pela... pelas ciências sociais via antropologia ou psiquiatria antropológica ou antropologia ligada a psiquiatria, ciências sociais de um modo geral. Mas depois eu caí na real, e vi o que eu tinha disponível era, não havia curso de ciências sociais em Pernambuco e eu tinha que partir para assegurar minha formação. Fundamos uma sociedade de biologia de Pernambuco que durou alguns anos (...) como filial (...) que existia já uma Associação Brasileira de Biologia. Assim foi o curso médico. Algum detalhe mais?

MN - Durante o período que o senhor cursou a faculdade, quer dizer, já foi em trinta, mas ainda não tinha, não era o Estado Novo, não é? Foi o período de Getúlio...

FA - Foi o período de Getúlio.

MN - Foi o período de Getúlio, mas...

FA - Acabou foi em 37, não?

MN -É... o senhor entrou. Ah! Já o senhor entrou na faculdade praticamente no Estado Novo, não é?

FA - Não eu entrei em 1932.

MN - Em 1932 com dezesseis anos?

FA - Em trinta e dois com 16 anos...

MN - No final do seu curso é que alcançou o...

FA - No final, em 1937 eu estava no...

MN - No último ano.

FA - Em 1938 eu estava, nós mudamos...

MN - foi exatamente, em 1938 o senhor estava no final do curso.

FA... ... estava no meio do curso.

MN - Quando começou o Estado Novo e aí surgiu as histórias que o senhor já contou. Agora, durante esse período, né? 1932 depois de 1934, a Assembléia constituinte... houve a... Aliança Nacional Renovadora?

FA - Essa é que foi (?) perseguida pelo Agamenon, né? Não (...) já tinha saído?

MN - Em 1935, antes do levante comunista?

FA - Antes do levante, formou-se essa associação, como é o nome? É...

MN - Aliança Nacional.

FA - Aliança Nacional Libertadora.

MN - É libertadora.

FA -E foi composta de comunistas, socialistas e de liberais...

MN - Era uma grande frente.

FA - Era uma grande frente. Aí que o Ulisses foi preso. Gilberto Freyre, o pai de Gilberto Freyre, foi... (...) espancado, mas foi puxado e batido pela polícia em (...). foi uma série de perseguições desse tipo. E essa... frente se reuniu (...) foi um dos exemplos de união mesmo, (...). Eu nunca fui militante, nunca pertenci a nenhum partido e eu (...).

MN - Como foi esse ano de 1935? (...) essa mobilização em torno da Aliança nacional Libertadora, a ANL, não é? Depois tem o levante comunista quando a ANL é fechada logo em seguida, esse ano de 35 tem algum acontecimento que lhe marcou ou não? Além desses que o senhor já citou: a prisão de Ulisses, o pai de Gilberto ter sido puxado? Vocês enquanto estudantes, estavam participando...Onde eram as reuniões?

FA - As reuniões eram na sede, eram na própria faculdade, na sede da, da... qual era a entidade... não havia entidade estudantil, era outra .... na entidade estudantil não me lembro o nome (...). Na própria faculdade, numa salinha que tinha que abrir a porta pra fora que a gente não entrava. (...)

MN - Certo. Mas...

FA - Eu posso te dizer assim, que foi uma movimentação... cabulosa (...). Eu não me considero, nunca fui comunista, mas sempre aturei(?) o lado das esquerdas.

MN - hum-hum

FA - Eu me considero... hoje um socialista utópico, né? Mas a... a linha do meu pai sempre foi liberal.

MN - Bem, então o senhor foi para São Paulo fazer o...

FA - Eu fui para São Paulo....

MN - Fazer a pós-graduação com Samuel Pessoa.

FA - Vim me embora pra (...) Samuel Pessoa era uma figura ímpar nesse país. Era um carisma extraordinário, produção científica enorme, chefiava a cadeira era professor titular de parasitologia da USP e uma pessoa por quem eu tomei uma grande alegria (...). Me lembro que em 38 quando eu fui, 38, 39? Quando eu passei lá ele não era ainda comunista de carteirinha, mas era um homem de esquerda...

## **Fita 2 – Lado A**

MN - Depois que fez as provas aqui, né?

FA - Eu mudei para o Rio, fiquei em casa do meu tio... está gravando?

MN - Já.

FA - Quando até o início do ano quando eu fui para São Paulo fazer a pós-graduação, (...) uma iniciativa ímpar no qual estavam envolvidos também em São Paulo o Samuel Pessoa, Samuel Pessoa. Assis Chateaubriand é quem pagava! Eu me lembro muito bem de algumas entrevistas com Chateaubriand...

MN - É verdade?

FA - Porque ele era paraibano, mas morou muito em Pernambuco.

MN - É verdade.

FA - E nós éramos todos nordestinos, né?

MN - O senhor leu, as memórias dele? A biografia(...)

FA - Não li, não. (...)

MN - Seu encontro com Chateau?

FA - Meu primeiro encontro com Chateau eu me lembro muito bem, ele fazia questão nos pagava uma mensalidade, eu não me lembro quanto era mas o suficiente para morar numa pensão, ir ao cinema, fazer sexo (risos) (...) que eu fiquei realmente independente, (...) independente de meu pai.

MN - E ele pagava pessoalmente, não?

FA - Não...

MN - Era o secretário dele lá?

FA - Tinha a tesouraria dele, mas ele fazia questão de conversar conosco, a não ser que ele não estivesse. Ele tinha o dia para receber o dinheiro então nós íamos juntos.

MN - Os seis?

FA - Os seis, receber o dinheiro. E ele nos recebia e batia um papo tinha tempo pra...

MN - Puxa vida! Que interesse, hein?! E que visão não é...e....

FA - Ele tirava o dinheiro e cada um de nós era um empresário que pagava. E eu me lembro muito bem de uma conversa telefônica dele com um desses empresários dizendo 'você não, não sei quem, você não mandou o dinheiro da bolsa de fulano de tal' e cobrando...

MN - Não acredito...!

FA - Pagava, mas não recebia. Mas era a maneira dele trabalhar. Agora era um homem bom, cheio de carisma... uma inteligência (...) impressionante. Mas então ele vivia pedindo

atenção (...). Uma pensão na (...) e a primeira decepção que eu tive foi que a dona da pensão queria que eu marcasse a hora pra eu tomar banho dois na semana (...). Eu queria tomar banhos todos os dias de manhã (...) eu me levantava muito cedo, seis horas, não tinha ninguém no banheiro, era uma pensão com banheiro no fundo, cinco ou seis quartos (...) um colega de quarto meu (...) Mas essa fase em São Paulo foi muito agradável porque eu...lutei não, eu trabalhei num laboratório de parasitologia que era o maior talvez da América Latina. E o Samuel Pessoa criou uma escola de parasitologia, escola (...) muito grande e foi o fundador da parasitologia no Brasil como escola. Ele tinha vários professores assistentes, quatro ou cinco, (...) que a faculdade de medicina de São Paulo (...)Hoje ainda é da faculdade de medicina de São Paulo. (...) E... vontade eu não tinha mais (...). (...) ele tinha doado e aliança dele na revolução de 32, o governo, de Getúlio, falhou (...) a revolução de 32 era uma revolução separatista. Não sei se (...) história?

MN - Claro.

FA - Separatista, tanto está que ela foi uma revolução constitucionalista, agora com tons de... como vamos dizer? ...de patriotismo local, regional.

MN - Paulistano.

FA - Paulistano, (...) eu fiquei em São Paulo até mil novecentos e trinta... aí há uma falha na minha memória, eu não podia voltar para Pernambuco. Então eu fiquei entre, quando terminou a minha bolsa, eu fiquei freqüentando, indo para o Rio que eu não tinha mais, morado no Rio de Janeiro e indo periodicamente a São Paulo para contatar com o grupo de Samuel Pessoa. Fiquei um tempo enorme, eu não sei se dois anos ou mais, sem poder voltar para o Recife. E de repente, o hospital (...) de amizade o mesmo panorama o diretor médico do hospital, Hebert Vasconcelos, Hebert Vasconcelos, o diretor do Hospital Militar, chamava-se Hospital Militar aquele hospital que tem lá na Gervásio Pires, né? Hospital Militar, ele tinha sido colega de turma do papai. E por iniciativa dele, nisso estavam abertas, as inscrições estavam abertas para convocação por causa da guerra, né? Havia vagas, estavam convocando pessoas (...) se quisesse voltar para Pernambuco eu vinha oferecer-me como voluntário, que ele garantia puxar (...). De fato, foi o que eu fiz, no Rio fui a junta militar de convocação, me apresentei, dei meu nome (...) poucos dias depois eu tava convocado, aí voltei fardado, ... pra Recife, né? Eu me fardei no Rio e desembarquei aqui fardado e passei muitos anos fardado, convocado, conseguindo trabalhar um pouco na faculdade de medicina, nas horas vagas, né? (...) foi uma... foi uma passagem, até certo modo, tranqüila. O Hebert Vasconcelos (...)

MN - Era um militar?

FA - Era tudo menos um militar. Era militar, era coronel... carreira. Ele era uma pessoa muito bondosa... e o hospital militar tinha mais médicos convocados do que... do que médicos da ativa. Nosso ambiente foi posto militarizado, naturalmente é a regra. Eu senti um pouco de, eu senti uma (...) sensação de que uma autoridade é necessária (...) ainda duvido hoje, e eu vivia nessa autoridade forçada mas através de uma vontade muito bondosa do diretor e a imbecilidade da ditadura, os excessos de desinteresses (...) tem um fato que eu vou relatar, não sei se interessa.

MN - Interessas!

FA - Eu fazia parte da junta, eram três membros da junta, começou-se a seleção, isso deve ter sido lá em 1940... 1940 por aí. 1941, 1942, 1943... na década de 1940, eu era membro da junta de seleção. Eu, um coronel e mais um capitão, eu me esqueci o nome deles (...) E esse coronel...

MN - Era seleção pra quê?

FA - Seleção pras tropas que... que iam...

MN - Pra guerra?

FA -Pra guerra. Primeiro, não primeiro batalhão não, primeira divisão.

MN - Isso em 1943, 1944?

FA - Não! Em 1945 a guerra acabou, não é?

MN - É.

FA - Em 1945 acabou. Isso foi em 1943...

MN - Depois que Getúlio se afastou de Hitler? Do Eixo?

FA - (...)

MN - Isso é antes não?

FA - (...)

MN - Essa seleção?

FA - Essa seleção foi cerca de, ela passava, que todo convocado passava pela junta. Os americanos estavam muito exigentes em matéria de saúde, não podia ter malária, não podia ter esquistossomose, hanseníase, lepra e etc, etc, uma série de restrições. De modo que passavam por lá, não podia ter parentes próximos com sinais de amebíase principalmente (...). Bom, eu estava...

MN - Por que os, o que significava dizer que os americanos eram muito rigorosos? Eles também participavam da seleção, não? Eles só mandavam a recomendação?

FA - Mandavam a recomendação. e tinha (...) no cais do Recife, tinha um navio de militares aqui.

MN - Americanos?

FA - Americanos. E aquele hospital de tuberculose (...) como é que chama?

MN - De câncer, não?

FA - (...) aquele hospital foi o hospital militar dos americanos. E Boa Viagem...

MN - Da Aeronáutica.

FA - Da Aeronáutica. (...) o ambiente era um ambiente (...) de 1945... o ambiente depois de 1945 era muita alegria, de muita alegria. Com o reconhecimento da Rússia, com a liberação do Partido Comunista com a presença de Carlos Prestes na política. Foi um momento muito, muito agradável e...

MN - Voltemos a seleção. O senhor disse que tem um episódio nessa seleção.

FA - Na seleção, isso foi na década, na época do período de convocação deve ter sido nos primeiros anos dos anos 40. (...) eu mencionei que eu era membro da (...) eu trabalhando no laboratório, e depois (...) entra no hospital como doente o filho do professor Álvares Figueiredo. Era professor da parasitologia aqui, com quem eu trabalhava. Então entro o... o filho dele que era convocado, soldado, pracinha (...) E eu fazia visitas diárias ao menino, saber como é que estava, se estava melhor e tal. Numa ocasião ele me disse, virou-se pra mim e disse 'olha doutor Frederico, o major tal- eu num estou querendo omitir o nome não, é que eu não me lembro mesmo- o major tal me pediu um pouquinho das minhas fezes.' Eu fiquei desconfiado, bom ele tinha amebíase, diagnóstico feito pelo laboratório (...). Eu disse, a primeira minha reação foi que ele estava desconfiado que o (...) ia ser liberado, né? Que eu estou, que eu estou protegendo esse menino e dando exame falso no caso (...). Pedi mais exames de fezes dele, confirmei já estava quase bom, a pessoa cura da fase adulta mas fica mantendo o cisto, mas antigamente tinha que ficar (...) o cisto. (...) ele ficou lá no hospital uns dias, bastantes dias a cura dele foi demorada, e ele passando cisto nas fezes eu examinei então eu eliminei a (...) E ele me disse 'o que é que eu faço agora? Ele pediu novamente as minhas fezes.' Aí eu digo 'bem', aí eu comecei a desconfiar de outra coisa, né? Que depois se confirmou, que ele estava vendendo essas fezes para outras pessoas. Então eu perdi a cabeça na hora ali (...) foi feita a confirmação por outras pessoas que haviam recebido fezes dele. Depois se descobriu que era uma quadrilha, dentro do hospital. Eu subi no quarto dele, ele estava dormindo, ele era um jogador, ele era divorciado (...) jogador e jogava roleta no Grande Hotel, bati na porta e disse a ele que eu sabia e vou agora onde está o diretor do hospital denunciar você. Se você fizesse essas suas coisas sem tocar em mim, eu tenho essa filosofia (...) pode roubar na minha frente que eu não... Tomando colocou a minha pessoa dentro da coisa eu vou (...) E fui diretamente ao diretor do hospital. Daí um escândalo, ele morreu de um enfarte, eu levo essa na coincidência (...) ele morreu pouco depois de um enfarte, mas abriu-se um inquérito policial militar que foi fechado com a morte dele, mas ficou provado que ele fazia isso. Esse foi um acidente muito desagradável tive que enfrentar e não podia, não podia esconder.

MN - Sim, mas agora vamos então pela década de quarenta e cinco, o senhor estava narrando que foi fantástico.

FA - 45 foi uma década de alegria, de satisfação e de união, a gente sentia nos jovens, liberais ou socialistas, ou comunistas mesmo, com a liberação da Rússia, com o prestígio que a Rússia assumiu no mundo ocidental, foi a primeira vez que a Rússia assumiu prestígio internacional. Então houve aquele episódio do... que eu não estava presente no episódio do assassinato do... estudante...

MN - Demócles.

FA - Demócles (...) foi em 1945 ou 1946.

MN - O Demócles foi antes. Não foi na década de 1930, não foi na época da repressão? Foi em 1945?

FA - Espera aí (...) foi na época de 1935, tem razão.

MN - Não, não foi antes. Foi antes da ARENA.

FA -....

MN-O senhor estava naquela passeata, não?

FA - Não.

MN-... ..

FA - Naquela passeata monstro? Ah! Estava.

MN - Não a passeata que Demócles foi...

FA - Não. Mas esta fase foi muito (...) muito agradável a quem, eu ainda estava me decidindo filosoficamente. Foi quando eu comecei realmente Marx a fazer leituras socialistas estava me decidindo (...) era professor da faculdade, professor assistente.

MN - Como foi sua entrada como professor na faculdade?

FA - Na universidade (...)

MN - Foi nessa época já?

FA - Não foi muito depois ou melhor eu era professor assistente muito tempo eu fui professor assistente do professor Mauro Figueiredo na parasitologia. De repente surge a oportunidade de se envolver Ciências e Letras, que é um projeto francês que ainda existe na França que existiu aqui e nunca ninguém avaliou para saber se era bom ou não que unia Ciências, Ciências, Filosofia e Letras. e eu tive umas experiências fantásticas nesse ..., por que eu me transferi (...), fui nomeado professor titular (...) Mas... essa experiência nunca

foi, nunca foi acompanhada depois que deu aquela reforma universitária e o departamento aderiu (...) Criou o instituto (...) ela funcionou (...)

MN - Exatamente, Luís Machado.

FA - Luis Machado. Eu fui professor de Zoologia lá, (...) Mas essas datas você vê, encontra no meu currículo que está naquele documento que eu (...)

MN - E o senhor continuou como ... no Hospital Militar ainda como médico ...

FA - Não, não médico comunitário eu fiquei numa outra loucura minha. Loucura não, eu acho que eu estava...45, 44, 45. eu estava cansado do Hospital Militar, né? Eu já estava, pedi então, fiz uma carta eu não tenho infelizmente eu não tenho cópias desta carta (...). Fiz uma carta ao mundo Ministro da Guerra, tem que ir pelos canais competentes: passar pelo diretor do hospital (...) muito grande das Forças Armadas porque eu tinha muito orgulho mais achava que devia (...) a outros e não (...) impedir meu desligamento a inspeção do desligamento e ao mesmo tempo pedia inscrição no batalhão, na divisão que estava em formação e ia pra Itália. Meu pai me... quando eu fui dizer pra ele, ficou... ficou desafortado mas não podia fazer outra coisa senão enfrentar aquela...e eu não fui, fui convocado (...) Passei pela junta militar, fui desligado do hospital e fui incluído na primeira divisão que, se permitia mandar três divisões para a Itália, né? Uma, a primeira saindo daqui do Nordeste, a segunda saindo do Rio de Janeiro, do centro e a terceira saía do... Não... a primeira saía do Rio de Janeiro a segunda já tinha ido, a primeira a segunda divisão, mas a primeira divisão já...eu me inscrevi na segunda (...). Simplesmente eu não fui, eu fui incluído na divisão, mas eu não fui, não fui para a guerra porque... acabou. A guerra acabou em 45 (...) o Brasil só mandou uma divisão. Outra, premunição que meu pai tinha um pouquinho antes do meu desligamento, um colega meu me colocou na cabeça que era melhor a gente se transferir para o Rio de Janeiro. A farra era maior, a alegria e o ambiente era muito melhor, me parece que era mesmo não sei totalmente se ainda é (...) E eu topei essa coisa, nós fomos lá e pedimos a transferência e (...) foi transferido e aí eu comuniquei a meu pai. Meu pai tinha horror a avião, (...) pavor de avião e ele me convenceu de voltar atrás. Eu fui muito constrangido, isso através do diretor do hospital que era amigo dele conseguiu o meu (...) Eu já estava de passagem marcada no avião da Aeronáutica (...) E esse avião da Aeronáutica levantou vôo uma semana depois e sumiu.

MN - O que você ia, não?

FA - O que eu ia. Sumiu, desapareceu, nunca foi achado com esse colega meu mais o piloto mais outros ocupantes. E eu não, se é que existe isso, (...) A seguir eu fui desligado então terminou a guerra mas quando eu ia, eu estava... Então eu voltei pro Rio de Janeiro (...) para uma bolsa, nós (...) essas bolsas no exterior (...) encontrar as minhas raízes sociais (...) Eu volto (...) e as informações que eu tive é que hoje a Fundação SESP, que já se acabou também hoje é a Fundação Nacional de Saúde, quando foi chamada de fundação mas era uma fundação também americano-brasileiro e para cooperação técnica na área do SESP foi um programa de saúde pública paralelo ao programa (...) e atuou durante muitos anos. Quando ela foi criada principalmente pra as áreas de (...), nordeste, norte do Pará, o norte-nordeste, depois se espalhou mais pelo Brasil e os americanos foram se retirando (...) nos

primeiros anos eles financiavam todo o projeto SESP, depois foram se retirando (...) Brasil segurando até certo ponto quando precisa se formar uma fundação (...) o controle do Ministério da Saúde. De modo que eu vou, falei com o superintendente o técnico (...) me inscrevi lá no SESP na bolsa ele me disse ‘nós vamos mandar um número limitado de funcionários, médicos e enfermeiros do SESP. E sobram sempre algumas vagas, nessas algumas vagas há algumas inscrições que a gente sorteia, sorteia não, escolhe, faz uma seleção.’ Foi feita a seleção e eu caí nessa (...) e fui como técnico.

MN - (?)

FA - Que ainda é uma (...) de muito prestígio nos Estados Unidos e uma área (...). Aí eu não abandonei minhas atividades biológicas mas eu comecei a pensar mais menos dentro da atividade biológica uma saída social ou melhor própria com os problemas sociais. (...) e eu não gostava muito do laboratório (...) meu negócio era mais no campo. E um fato que me marcou muito que o professor também desde o início da fundação da Faculdade de Ciências Médicas que hoje pertence a Fesp, a Faculdade de Ciências Médicas. Uma coisa que me, que me impressionou muito foi que (...) procurava passar um microscópio pra cada aluno ou cada dois alunos um microscópio e eles trabalhavam soltos! Né? Com a assistência junto, ou professor assistente pra cada um ter liberdade e pra poder mostrar ovos do parasita, eles costumavam fazer um cal, cal, um pouquinho de cal, colocava um desinfetante, formol e ali colocava o ovos do parasita que facilita você nas fezes (...) tem muito pouco parasita (...) tinha cal para poli-parasitismo e tinha cal para parasitismo (...) Mas aí a gente (...) e um aluno meu que eu esqueci o nome, devia ter guardado (...) ele ficou cansado disso, eu disse ‘por que?’ ‘porque a quem pertence essas fezes?’ e eu fiquei (...), a partir daí eu criei um trabalho de campo com os estudantes para colher fezes voltar para o laboratório, fazer o diagnóstico depois voltar e encontrar a pessoa. Eu liguei a parasitologia de campo a parasitologia, eram duas coisas independentes, (...) e faziam parasitologia de bancada.

MN - Deixe eu só fazer uma, e sua passagem nos Estados Unidos, alguma coisa marcante nessa época de (...)?

FA - A euforia americana eu participei do término da guerra com o Japão. Que a guerra você sabe que era com a Alemanha durou, terminou antes do Japão e daí o Japão...

MN - Desitiu.

FA - Foi, (...) depois das bombas atômicas eu estava nos Estados Unidos durante as bombas... houve muita discussão nos jornais sobre a bomba atômica. Mas a alegria foi a vitória, a vitória dos estados Unidos na rua, isso eu fui para a rua, né? E beijava e abraçava, todo mundo beijava todo mundo, todo mundo abraçava...foi um espetáculo que eu nunca tinha visto dentro dos Estados Unidos. Eu voltei as minhas (...) a liberar, o liberalismo americano no auge do desenvolvimento, (...) empregou pra todo mundo (...) Mas me choquei com as decepções aos negros (...) Numa ocasião entrei num cinema sem saber com minha primeira mulher, entrei no cinema sem saber fui uma vez só no cinema, e me sentei, no escuro me sentei. Quando eu me sentei comecei a reparar (...) e eu olhei quando a tela fica branca, né? E eu fui ver que estava num cinema de negros, (...) eu saí rapidamente. Dias

depois eu entrei num cinema, de esquina esperando pra poder... o sinal fechado. Pára um carro (...) atrás pára outro carro, na frente um negro com um carrinho (...). atrás parou um carro comum com um casal de brancos e o casal bateu, bateu assim...apenas tocou no pára-choque com o sinal fechado. Nessa ocasião o preto sai...Não, não foi o contrário, foi ao contrário o carro do branco estava na frente (...) Ele achou que o culpado era o da frente, saltou do carro abriu a porta do (...) isso na, no centro de Washington, (...) a mulher começou a gritar ninguém atendeu, ninguém socorreu o sinal abriu e o carro passou (...). Eu vi várias cenas de...

## **Fita 2 – Lado B**

MN - ... Os negros ficavam.

FA - Da metade pra trás. tinha uma plaqueta que anunciava na última... na metade (...). Mas nem sempre os ônibus andavam com lotação completa, cinqüenta por cento de um, cinqüenta por cento do outro. Às vezes tinha muito homem branco, minoria de preto às vezes tinha mais preto do que branco. Então os negros moviam, eu senti isso (...) os negros vão mudar as placas pra poder sentar (...). Os brancos costumavam sentar logo nas primeiras fileiras deixavam um espaço em branco para os negros da mesma fundação (...) Então eu comecei a questionar a democracia americana, os grandes palácios (...)

MN -O senhor passou quantos anos nos Estados Unidos?

FA - Um ano e meio, desta vez um ano e meio.

MN - Doutor, em que ano o senhor casou? Tem lembrança?

FA - Meu primeiro casamento foi um mil novecentos e quarenta e nove.

MN - Então o senhor foi para os Estados Unidos solteiro?

FA - Fui solteiro... (...) da minha mulher, mas eu a levei numa ocasião aos Estados Unidos.

MN - O senhor quer falar um pouco, assim ... o senhor também tinha tido uma vida muito boêmia, não?

FA - Tive na ocasião uma... em solteiro eu tive. Porque.

MN - (...)

FA - Em rapaz os amigos mais velhos pegam a gente com 15, 16 anos levavam (...), acho que isso não existe mais.

MN - Isso acabou.

FA - Hein?

MN - Isso acabou.

FA - (...) é um choque tremendo (...) uma sensação horrível, de pena (...) (...) mas eu me acostumei e vivi (..)

MN - Não tinha relacionamento.

FA - Então eu fiz muita...em solteiro apanhei umas doenças venéreas, fortes. Mas sempre contava a papai, ele me levava no médico. E vivia assim, em 1950 eu casei em 49 aí parei... a vadiagem e cinquenta (...)

MN - Mas depois que o senhor voltou dos Estados Unidos, o senhor voltou dos Estados Unidos, foi em 45 pros estados Unidos?

FA - 45, 46.

MN - Mais algum acontecimento marcante nesse período dos Estados Unidos?

FA - Não, que eu me lembre não.

MN - E voltando para o Brasil qual foi a sensação?

FA - No dia que eu cheguei, cheguei no governo de...?

MN - Do Dutra, não? Getúlio tinha saído, entrou um interventor e imediatamente houve as eleições pra Dutra, né?

FA - Para Dutra. Eu (...) no governo do brigadeiro, que eu já estava com (...) eu voltei nessa eleição eu estava em Pernambuco. Mas na... talvez o aspecto mais interessante seja o governo de (Getúlio) logo depois de Dutra.

MN-(...) o senhor votou em Getúlio, né?

FA -(...)

MN - O Getúlio foi eleito em 52...

FA - Morreu porque estava muito marcado, marcado pela ditadura de Getúlio, isso talvez tenha sido o que me levou a votar no (...) nem a votar em Getúlio, eu me lembro que tinha dois concorrentes de Getúlio na época (...). os que fizeram a ditadura continuavam no poder, não é? Essa que é a verdade. Como dessa vez também, a ditadura (...)

MN - Antes...é... quando, quando em cinquenta o senhor estava tinha, tinhafeito também o concurso pra (...) docente, não foi isso? A microbiologia, 49, cinquenta e...

FA - Eu fiz quatro docências, eu defendi quatro docências naqueles documentos todos, está mencionado.

MN -É... e como é que foi esse convite para o senhor trabalhar no Aggeu Magalhães?

FA - Eu posso voltar a 46 quando eu cheguei dos Estados Unidos com o diploma de mestre em saúde público pela Universidade Johns Hopkins. E eu tinha alguma atividade de pesquisa inclusive publicada. E meu nome foi considerado talvez pela... Há um fato importante, é que o Gilberto da Costa Carvalho que era primo distante meu, mas muito amigo e era o representante do Ministério da Saúde do estado de Pernambuco. E teve, foi a ele, a Gilberto da Costa Carvalho, que o diretor da Divisão de Organização Sanitária do Ministério da Saúde, ao qual estavam subordinadas algumas endemias como por exemplo a esquistossomose, a verminoses intestinais, o tracoma e outras que Amílcar Barca Pellon que foi o idealizador da construção desse centro de pesquisa.

MN - Quem é que foi o idealizador?

FA - Amílcar Barca Pellon.

MN - Amílcar Barca Pellon. Não seria do Aggeu Magalhães?

FA - Não, não do Ministério da Saúde do Rio.

MN - Ah tá!

Foi ele quem conseguiu as verbas para construir o, isso tá no meu documento bem detalhado. e o papel de Aggeu Magalhães pai também, Aggeu Magalhães era o homem que entrou em contato com o Amílcar Barca Pellon, Amílcar, Amílcar Barca Pellon entrou em contato isso nos, nos meados da década de 40 porque o Aggeu Magalhães morreu em 1940... 48 em 49 também está no documento.

MN - Certo.

FA - É preciso fazer justiça ao papel que AggeuMagalhães pai desempenhou nessa tarefa. Eu tô chamando pai pra não confundir com o atual Ageu Magalhães Filho. Que foi também diretor do centro de pesquisa Ageu Magalhães, está vivo. Desses contatos era, há uns fatos que antecedem a construção do centro de pesquisa e mesmo a figura do Amílcar Barca Pelão atrás dele, antes dele o professor Ageu Magalhães que foi o fundador da anatomia patológica em Pernambuco, ele criou na Faculdade de Medicina um centro de estudos de, de endemias. Não,digo mal, centro de endemias não, ele criou o serviço de verificação de óbitos do estado, como também, como também... como também uma série de investigações na área de anatomia patológica, ele foi então, o Ageu Magalhães pai o verdadeiro fundador da anatomia patológica. e um espírito extremamente extrovertido... culto, um homem de muito valor que pleiteava de a muito, a muitos anos atrás desde a década de trinta a instalação de centro de investigação de endemias nesse país. Houve um embrião com esse centro com a vinda ao recife de Evandro Chagas, irmão de Carlos Chagas Filho.

MN-e que, quando o Evandro teve aqui?

FA - Década de 30, isso está bem no documento, as datas estão no documento, na década de trinta.

MN-Sim.

FA - E com ele se fundou temporariamente um estudo, centro de estudo de grandes endemias. No qual trabalharam Aluísio de Vieira Coutinho, o próprio Aggeu Magalhães pai e mais uns pesquisadores locais que se agrupavam e produziram um estudo, principalmente sobre a esquistossomose. Isso seria ou foi o embrião de criação do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, porque essas coisas não continuaram, porque morria logo depois de um desastre de avião na Bahia o Evandro Magalhães... o Evandro...

MN-Chagas.

FA - Chagas, filho do Carlos Chagas pai. De modo que as coisas correram assim de modo que na década de 40 em meados da década de 40 houve contato entre Amílcar Barca Pellon e o Aggeu Magalhães para a instalação, construção de um centro de pesquisas com estudos voltados para as endemias particularmente para a esquistossomose e as endemias...as parasitoses intestinais. O ... esses contatos foram avançando, o prédio começou a ser edificado na rua, num terreno cedido pelo antigo Hospital do Centenário, o atual Hospital do Isep, cedeu um terreno que dava pra rua do Espinheiro, número cento e seis, rua do espinheiro 106. Onde foi finalmente instalado após a morte, com a morte do Aggeu Magalhães filho que seria sem dúvida o diretor do centro de pesquisa, abriu-se essa perspectiva de quem é quem em Pernambuco quem poderia assumir essa, há influência muito grande certamente houve influência muito grande do Gilberto da Costa Carvalho porque ele era o representante do sistema de, do Ministério da Saúde no país, antigamente chamavam assim, circunscrições de saúde, quer dizer era um representante local técnico e político no Ministério da Saúde, essa relação era muito estreita entre Amílcar Barca Pelão e Gilberto da Costa Carvalho e é provável, que eu não conhecia Amílcar Barca Pelão, mas é provável que o Gilberto da Costa Carvalho tenha feito a indicação do meu nome ao Amílcar Barca Pelão.

MN - O senhor nunca confirmou isso?

FA - Nunca confirmei, ele sempre me negou isso, mas eu acho que era verdadeiro ele era muito cauteloso, muito modesto foi um grande sanitarista também aqui em Pernambuco.

MN - E era muito seu amigo?

FA -Era muito amigo meu. E o fato é que houve um impasse, que está descrito também no documento, porque eu não era 'persona grata' no governo presente que já não era o governo de Agamenon Magalhães era de Barbosa Lima Sobrinho. Mas Barbosa Lima Sobrinho era o PSD.

MN - O partido de Agamenon.

FA -Do partido de Agamenon. Hoje ele é um socialista de frente, né? Naquela época ele colaborou com Agamenon. Mas a, inclusive eu não perco o artigo do domingo aqui, hoje ele faz, ele escreve um artigo muito bom sobre Petrobrás. o problema do monopólio do petróleo. Mas a...

MN - Deixe eu só voltar um instante.

FA - Bom, como eu tinha dito com a morte do Ageu Magalhães eu tinha chegado recentemente dos Estados Unidos, e com essa provável indicação do Gilberto da Costa Carvalho o meu nome foi levado ao Barbosa Lima Sobrinho que, que não teve dúvida em aceitar meu nome, apesar de, das prováveis injunções de Agamenon Magalhães. E é com a liberação do meu nome que eu passei a acompanhar a construção que já estava no fim, 49, 49, 1949, logo após a morte do Ageu Magalhães e eu passei a coordenar a construção, comprei o material do laboratório. O fato é que no dia 2 de setembro de 1950, eu estava nomeado diretor do instituto e o instituto estava completamente mobilizado e equipado para pesquisas. Foi uma grande vitória pra Pernambuco, né? E há uma coincidência que nunca foi explorada porque, pelo menos nos jornais, eu digo isso também no documento, nos jornais consta, no Jornal do Comércio consta uma data que seria a mesma data que foi fundado o Joaquim Nabuco. Então isso precisa ser investigado que seria também o dia 2 de setembro de 1950. Seriam então os dois centros de pesquisa, um na área médica outra na área social que embora nunca tivessem tido realmente uma ligação muito estreita, mas realmente contribuíram pra fortalecer e criar mecanismos e formar pessoas na área das ciências sociais na área da saúde, e na área da saúde tão ligadas ciências sociais como é o problema das endemias.

MN - O senhor teve evidências de que houve resistência ao seu nome?

FA - Não, eu supus porque eles não se abriram comigo não. Mesmo o Gilberto jamais se abriu comigo nesse sentido.

MN-Mas o senhor não, foi aprovado e...

FA -Fui aprovado pelo Barbosa Lima.

MN-Certo.

FA - Porque isso é praxe da política estadual, né? As relações federal-estadual...

MN - Claro.

FA -Num instituto de pesquisa, num instituto administrativo de qualquer parte...

MN - E o Ageu quando foi fundado, imediatamente fundado ele ficou subordinado ao departamento de saúde pública do estado...

FA -Não, não...

MN - Ou ao Ministério?

FA - Governo Federal. ele ficou subordinado a essa divisão de organização sanitária...

MN - Do ministério

FA - Do Ministério da Saúde. As verbas eram do Ministério da Saúde.

MN - mas ele estava num terreno cedido pelo governo do estado?

FA - Doado, é.

MN - Doado. Que era do Hospital Centenário.

FA - Hospital Centenário.

MN - E inicialmente uma equipe de quantas pessoas começaram a trabalhar?

FA - Um número muito limitado, eu menciono no documento 4 ou 5 pesquisas, 4 ou 5 pessoas, eu, um motorista, uma secretária, um servente e nada mais. A conquista foi se fazendo ao longo, as conquistas de nomeações foram se fazendo ao longo do desenvolvimento do trabalho. Eu cito um sinal de precocidade no centro de pesquisa Ageu Magalhães que foi fundado no dia 2 de setembro e na semana seguinte foi inaugurado um curso sobre peste bubônica. Não, digo mal sobre...sobre boubá, e o instituto capacitado para no seu laboratório isso com o pessoal de fora convidado, foi capaz de dar um curso de especialização com a duração de cerca de três ou quatro semanas. sinal de que ele estava vivo, né? tinha nascido, nascido em boas condições.

MN - E aí como é que foram esses primeiros anos?

FA - Os primeiros anos forma difíceis, eu procurei traçar uma estratégia de desenvolvimento do...ele se chamava Instituto Aggeumagalhães, depois que ele passou para outra administração é que se transformou em centro.

MN - e imediatamente ele começou a trabalhar na questão do esquistossoma, não?

FA - Não, questão dos esquistossomose foi a prioridade até muito recentemente.

MN - E o que era também a sua grande pesquisa, não é isso?

FA -Não, eu entrei nessa linha de pesquisa, minha linha de pesquisa era endemias de modo geral, mas eu me desenvolvi, para mim era um assunto novo.

MN - Sei. Quem passou a trabalhar diretamente com a questão da esquistossomose no Ageu, logo depois que ele fundou-se?

FA - Quem passou a trabalhar?

MN - O senhor mesmo?

FA - Eu mesmo, dei início a uma estratégia de começar pelos vetores, pelos transmissores da esquistossomose, então foram feitos estudos de sistemática dos moluscos, um curso de... sistemática dos moluscos depois a biologia e ecologia dos moluscos, e daí por diante a epidemiologia, o controle da esquistossomose. Houve realmente uma estratégia de desenvolvimento porque naquela ocasião pouco se sabia sobre a esquistossomose e outras endemias no Brasil. A fundação desse centro de pesquisa, desse e dos outros dois que se seguiram a esse, um em Belo Horizonte e um na Bahia, foram uma necessidade para o país para o esclarecimento das endemias rurais que eram problema e ainda hoje, são hoje problema muito importante no país.

MN - E para o senhor mesmo desenvolver essa pesquisa, quer dizer, esses cursos que eram oferecidos o senhor participava também, assistia?

FA - Ah, sim! Participava ativamente.

MN - E como é que constituiu essa equipe de pesquisa?

FA - Para esse curso?

MN - Não para desenvolver...

FA - Para esse curso foram pessoas de fora.

MN - Sei...

FA - Que eram inclusive do rio, tal, eu também. Bom, a estratégia foi, eu uso essa expressão no documento, a utilização da prata da casa. Na impossibilidade de outra estratégia, nós começamos a verificar que o pessoal mais jovem, que já tinha alguma experiência em pesquisa, parasitologia ou epidemia, e fomos absorvendo essas pessoas. O centro de pesquisa viveu uma dificuldade de aplicação de recursos muito grande. Aliás isso é crônico no Brasil mesmo, e nós funcionávamos com a chamada verba 3, uma verba extra (...) que atrasava, para lhe dizer as dificuldades que nós tínhamos já que essa verba atrasava as vezes 3, 4, 5 meses. Então era uma luta manter pessoal e manter a pesquisa, apesar de tudo isso eu vi as doações de... ninguém no Brasil realizou pesquisa se não teve o auxílio de instituições nacionais e particularmente instituições estrangeiras.

MN - Quais instituições apoiaram o Ageu?

FA - O centro de pesquisa... o CNPq, o Conselho Nacional de Pesquisa, hoje tem outro nome: o Conselho Nacional dos (...) científico-tecnológico, e os estrangeiros depois eu fiz contato com as publicações que foram saindo, algumas em revista estrangeira. Isso foi despertando o interesse das organizações e quem mais, um dos que mais colaboraram foi a Organização Mundial de Saúde através de um departamento de endemias que eles tinham e

uns programas de auxílio a investigação. Mas muitos outros, principalmente o maior financiador do Centro de Pesquisa aquela época foram os institutos nacionais de saúde dos Estados Unidos, que tinha um programa, tinha naquela época um programa de auxílio à pesquisa no exterior, na América Latina. esse foi o grande financiador durante anos deu suporte a medida que saíam as publicações eles iam investindo no centro de pesquisa.

MN-E quando o Aggeu começou a oferecer os primeiros resultados práticos dessas pesquisas para...

FA - Quando saíram os primeiros resultados na década de, logo em seguida, logo em seguida. Os trabalhos de laboratório, de sistemática, são trabalhos, não se conhecia nem a estrutura atômica do caramujo transmissor, isso é uma coisa que se faz em 2, ou 3 ou 4 dias de modo que eles começaram a sair rapidamente. Mas eu aí fiz contato com... eu aí fiz contato com, logo no início, com os Institutos Nacionais da Saúde e a Organização Panamericana de Saúde para as Américas. Eu queria importar duas pessoas com o perfil que eu estava... importar por algum tempo, né? Não era importar realmente, eu queria pessoa qualificadas viessem trabalhar no Instituto Aggeu Magalhães para exatamente desenvolver... a mim! E aos outros pesquisadores jovens que estavam já nomeados, já estavam trabalhando, né? Bento Magalhães Neto é o nome dos locais... é o sobrinho do Bento Magalhães do turfe brasileiro, turfe pernambucano, né?

MN - hum-hum.

FA - E outros pesquisadores locais nos meados, esses nomes aparecem todos no documento, né? E finalmente foi feito um acordo entre o governo brasileiro e o governo americano que virão logo um atrás do outro, dois pesquisadores com formação em biologia dos moluscos, que era o que eu estava exatamente precisando chamavam-se Oliver, Loui Oliver esse passou dois anos trabalhando conosco, em seguida um especialista em moluscidas, quer dizer substâncias que destroem o caramujo. Que era, foi na época um dos meios mais considerados eficientes no controle da endemia. Chamava-se Charles Dobrouone. Era de origem húngara mas naturalizado americano. Esses homens contribuíram de maneira notável para o desenvolvimento da pesquisa no Aggeu Magalhães. Não só pelo que sabiam, que deixaram aqui entre nós, como também pelas ligações políticas, científico-políticas com o mundo, com o primeiro mundo. era um (...) de experiência e essas ligações nos levaram então a obtenção dos(...) de pesquisa, subsídios para pesquisa que realmente (...). Hoje em dia financiamento de pesquisa do exterior está extremamente difícil a não ser em certas áreas, né? A AIDS e ciências sociais também, mas menos, né?

MN - E quando vocês começaram com política de prevenção, de controle para a erradicação da esquistossomose em Pernambuco?

FA - A parte do controle da endemia foi desenvolvida muito depois porque houve necessidade de conhecer o (?) biológico dos moluscos, a sistemática, o nome que se dava aos moluscos não era sabido. A sistemática, a biologia e a ecologia dos moluscos aí nós começamos a trabalhar com os moluscidas porque era considerado pela Organização Mundial de Saúde, foi um grande engano que não é verdade isso, que o melhor método para

controlar seria o uso persistente dos molusticidas, que são substâncias poluidoras do meio ambiente, destroem fauna e flora (...) e hoje estão praticamente abandonada. Mas isso foi um... isso está escrito por mim em algum trabalho meu, já mais recente quando se entrou por uma via, um enganoso trabalho de um pesquisador. Hoje a minha memória tá pior!

MN-Não, não se preocupe com isso não.

FA - Um pesquisador que o nome eu não lembro agora e publicou vários trabalhos seguintes com o aval da Organização Mundial de Saúde mostrando que os molusticidas eram um importante meio de combate a esquistossomose. Isso perdurou durante muito tempo, criou interesses econômicos e políticos, o Brasil comprou não sei quantas toneladas de Bayluscid(?) é um molusticidas produzido pela Bayer. Que ficaram estocados aí se estragaram nos porões da burocracia, né? De modo que esse engano ele desviou, isso é muito comum em pesquisa, desviou com a autoridade que tinha esse pesquisador egípcio.

MN - Vocês trouxeram um húngaro naturalizado americano que também defendia os molusticidas?

FA - Defendia, porque todos nós estávamos baseados nesse trabalho, foi a primeira tentativa de erradicar, de erradicar não que é impossível erradicar o molusco, em todo mundo não foi possível erradicar o molusco. Mas a pesquisa se dirigiu toda nessa direção. Faruk é o nome dele, Faruk é o nome desse egípcio que teve o aval da Organização Mundial de Saúde, teve financiamento da Organização Mundial de Saúde e trabalhou no Egito que é considerado a pátria da esquistossomose, foi lá que nasceram os primeiros trabalhos sobre esquistossomose. Mas a, então nós entramos por esse caminho também durante vários anos baseado nessa, mas desde os primeiros trabalhos feitos aqui foi do Dobrouvolner que eu passei a desconfiar da...

MN - Eficácia.

FA -Da eficácia, mas havia sempre a esperança de se desenvolver um novo molusticida e nós não tínhamos condições tecnológicas para isso. Isso estava nas mãos das grandes empresas, Bayer e outras. Mas, no entanto, até hoje não se desenvolveu nada melhor ou pior do que o (?) houve muita pesquisa em torno dos molusticidas incorporados numa matriz de química a borracha em que se pudesse difundir lentamente em baixo nível de modo que não fosse poluidora, fosse capaz de matar os caramujos e isso não foi possível muita pesquisa todo...

Data: 17/12/1995

### Fita 3 – Lado A

FA - Mas nada foi conseguido até o momento, inclusive o uso de substâncias naturais como extratos de plantas. Muitas dessas plantas têm, são...são, têm alcalóides, são capazes de agir sobre os moluscos ... Mas mesmo essas pesquisas foram muito feitas no Brasil, nós inclusive fizemos pesquisas neste sentido. A substância química era uma... Não me lembro. Uma saponina (?). Era uma saponina.

MN - Em que ano mais ou menos começou....

FA - Há isso durou muitos anos. Isso durou... o encanto pelo (...) ou melhor o desencanto ocorreu à poucos anos atrás.

MN - Há poucos anos?

FA - Há poucos anos, há uns dez anos atrás. Isso ocorreu desde 1950 até 1960/70. Em mil novecentos e... As datas eu não me lembro. em mil novecentos e...

MN - Oitenta? Já na década de 80, não?

FA - Não, antes na década de 70 o governo brasileiro através do eminente pesquisador que era diretor do então... do então Instituto Nacional de Endemias rurais, que depois da divisão de organização sanitária, com a morte do... do Amilcar aí o contato que se faz de vários, de vários fatos históricos todos escritos no meu documento, o instituto passou a se chamar Centro de Pesquisas Aggeumagalhães e ficou subordinado diretamente ao Ministério de Saúde. foi uma época muito útil, porque nós associamos serviço à pesquisa diretamente. e o diretor então José Rodrigues da Silva, era o diretor, passou a desconfiar, talvez por influência minha e de outras pessoas, da eficácia do (...) E lançou-se no Brasil quatro trabalhos de pesquisas financiados pelo Ministério da Saúde que funcionou perfeitamente bem mostrando que o Brasil tem condições de fazer pesquisa quando tem alguém na administração que (...) pesquisador, que está na administração. Quatro pesquisas que funcionavam em Pernambuco, quando tinha o Centro de Pesquisa. em Belo Horizonte, onde ele tinha também um centro de pesquisa, no Rio de Janeiro na área... na área endêmica, na SUS fora do Rio de Janeiro, e na Bahia onde estava começando também um centro de pesquisas ligados. Ainda hoje existem, menos o de Para... Paranaguá não, Pará... O do Rio de Janeiro hoje está desfeito, ainda tem um edifício lá, mas ele não tá realmente funcionando. Atualmente funciona os três centros de pesquisa: Pernambuco, Belo Horizonte e da Bahia. Então estes trabalhos, infelizmente, só se desenvolveram em duas áreas em Pernambuco, Belo Horizonte e da Bahia. Então estes trabalhos, infelizmente, só se desenvolveram em duas áreas em pernambuco e no Belo Horizonte, que eram os que tinham maior suporte, maiores condições de trabalhar. e essas trabalhos, o de Belo Horizonte mostrou foi um trabalho meio dúbil, mostrou algumas (?) excessivas mas o meu trabalho se desenvolveu durante 11 anos. Onze anos para tirar um desengano publicado

numa revista do exterior, mostrar a incapacidade que os bolosticidastem de controlar as (...). Pois as (...) que estes trabalhos foram feitos coordenados com a mesma metodologia que fugiu um pouco durante o trabalho, a uniformidade não foi muito bem atendida. Depois houve a morte também do Rodrigues da Silva e a coisa desandou um pouco, mas o daqui funcionou bem, perfeitamente bem durante dez anos tá publicou numa revista do exterior. Uma revista importante do exterior. Mostrou então que os molosticidas não eram...não poderiam por si só isoladamente controlar as (...)

MN - E as primeiras políticas contra a endemia? No caso da esquistossomose no estado de Pernambuco, como é que ela se desenvolveu?

FA - O estado estava muito ausente nessas questões de política, porque... essas edemias estavam...eram... o controle das endemias era desenvolvido pelo Ministério da Saúde. de modo que não havia somente com... a criação do SUS essas políticas estão sendo descentralizadas, não é?

MN-Sei.

FA - E tá essa grande confusão no momento, porque não há suporte para o SUS e...

MN - Mas eu digo mesmo com a... a orientação do governo federal, quando ele fez de início as priemiras ações, contra a esquistossomose no estado?

FA - As ações foram feitas através do uso de molusticidas, essas é que é a verdade...

MN - E quando? A partir de 51.

FA - A partir da década depois de cinquenta, depois dos trabalhos publicados aqui.

MN - Sob a coordenação de vocês?

FA - Sob a coordenação desse americano que estava a qui! eu estava com ele é claro, que foram resultados não muito satisfatórios.

MN - E na prática como é que ele era feito? era colocado um...

FA - Era um pó, é um pó que era dissolvido na água e borrificava as águas paradas. Mas ele... com uma certa concentração, quatro partes, dez partes por milhão. O molusticida é um tóxico vigoroso, porque ele mata os caramujos numa concentração bastante elevada. Mas ele é caro, mesmo preço de aplicação e mais cara a mão de obra para aplicar o molusticida do que praticamente o pó, do que a substância em pó, ela é diluída e aplicada em água parada , em água corrente, ela aplica em uma sofisticação muito grande em aparelhos de gotejamento regulares que mantenham, as distâncias, até que distância mantem a ação tóxica contra o caramujo (...) como so focos estão mais entre os pequenos richos do que propriamente nas alagados, nas lagoas, nos lagos, essa técnica se torna extremamente cara. Depois foi mostrada que ela é praticamente ineficiente pro controle...

MN - ela também destrói o peixe, não?

FA -Destrói! Ela mata o peixe. Mata peixe, era difícil aplicar isso nos açudes por exemplo, muito difícil porque os proprietários não queriam, não é? Não aceitavam. Tem muitas complicações políticas também dessas aplicações em água parada, a morte dos peixes, a toxidez para o homem, para o gado. Apenas tinham uma vantagem; ele era biodegradável, quer dizer, ele não se mantinha muito bem não. Mas as desvantagens eram muito grandes. e ele praticamente hoje ele praticamente está abolido no país e em quase todos os países do mundo. Mas foi uma luta política minha de, de... tá perto de uns 30 anos.

MN - Quando o senhor mais ou menos começou a combater os moluscidas? No final da década de cinquenta o senhor já...

FA - Bom em 50, no meado da década do 50 já estava aqui o dobrovoni e nós começamos a aplicar em caráter experimental.

MN-Sei.

FA - Caráter experimental, né? quer dizer, usando o moluscida com controle, e fazendo avaliações periódicas. e os resultados foram não muito satisfatórios.

MN-Sei. E quando é que o senhor começou a ter uma posição crítica de fato?

FA -Desde que eu me convenci, desde 1960. desde 60 eu já estava criticando, procurando saídas, outros moluscidas. Moluscidas por via digestiva, eu trabalhei com carbonato de cobre o primeiro moluscida empregado era feito foram sais de cobre era o sulfato de cobre que é solúvel, carbonato de sódio é praticamente insolúvel em água. Então eu tive a idéia de misturar à lama dos criadouros o carbonato de cobre para so moluscos... Mas de qualquer maneira o cobre é persistente, o cobre é um metal pesado de modo que é persistente nas águas e não é indicado logo cedo, eu desisti dessa operação. E as tentativas que eu fiz com moluscidas por via... por via oral, ou moluscidas de origem natural eu encomendei e apliquei várias plantas daqui do Nordeste, todos eles foram insatisfatórios. Aí eu estava certamente... Mas pra passar isso pro primeiro mundo é a coisa... mesmo publicado em revistas estrangeiras era muito fácil devido à pressão política dos próprios países e das indústrias produtoras dessas substâncias, foi muito difícil. Em mil novecentos, há um fato político que eu vou pular pra mil novecentos e setenta... sessenta e nove, sessenta e nove, setenta, setenta e um quando eu estive, quando eu fui (...) quando eu deixei o...deixei o, deixei Pernambuco aí fui e fui trabalhar com a Organização Mundial de Saúde...

MN - em Genebra.

FA - Em Genebra, quando eu tinha muitas relações e tal. E a dificuldade que eu cheguei foi... foi de fato, conseguir trabalhar com esse propósito de condenar moluscidas porque a mentalidade toda ainda era (...) mas havia interesse subalterno nessa história toda. O fato é que logo que eu cheguei a Genebra, o governo egípcio, o governo egípcio...desconfiado dos trabalhos, Farula havia morrido recentemente. Mas desconfiado da, dos resultados tão excelentes publicados por Farula e que ninguém mais conseguia reproduzir, esse...o Egito

pediu à Organização Mundial de Saúde independente, pra fazer uma avaliação do trabalho do Farula, ir ao Egito e tal. Eu era o único responsável pelo problema da esquistossomose dentro da unidade de doenças endêmicas, doenças parasitárias então eu fui nomeado para representar a Organização Mundial de Saúde, passei 45 dias com um pesquisador inglês, depois publicamos juntos o trabalho e três pesquisadores egípcios se juntaram a nós para fazer uma avaliação. E de fato avaliação através de...visitamos a área, fizemos uma checagem toda da área, mostramos que os moluscos estavam lá, passados alguns anos. O fato é que os moluscos não resistem você joga moluscicida dentro de um riachinho no dia seguinte vai não tem nenhum, não acha nada, um mês depois tá cheio de moluscos. Eles se reproduzem, eles conseguem escapar enterrados na lama, do lado de fora eles resistem a dissecação de uma maneira extraordinária do lado de fora e repovoam rapidamente, tem uma capacidade de reprodução de trinta e cinco dias, em tinta e cinco dias ele tá gerando os primeiros ovos. A cada 35 dias de novo que a coisa é geométrica, ultra-geométrica, né? Eles se recompõem... Mas voltando à história do Egito, é o nome do meu pesquisador que me falta mas eu vou me lembrar, pesquisador inglês da Escola de Saúde Pública de Liverpool na Inglaterra. Nós fizemos o trabalho então de campo e depois fomos comparar com os protocolos de pesquisa do Farula que estava lá conservado. E a decepção nossa foi grande a ponto de isso não está escrito em lugar nenhum, porque quando nós, esse inglês Giles, G.I.L.E.S, Giles. O Giles escreveu, quem redigiu o trabalho foi o Giles e o Giles comprometido com...ao posicionamento dele científico e com, foi claro, ele foi claro na coisa, mas não tão claro a ponto, e depois as revistas estrangeiras não aceitaram um trabalho desse tipo, de modo nenhum. De modo que ele não foi muito claro em relação às propostas mostrando entretanto que tinha sido muito, o resultado final desse trabalho saiu com meu nome. Foi um resultado muito... dizendo que as avaliações do Farula foram muito, foram muito precoces, não deu pra ele analisar de fato... Mas daí por diante as coisas ficaram balançadas, não é? Ficaram balançadas com a publicação desse artigo, e em seguida o meu artigo, demorou dez anos de modo que eu ainda estava, o trabalho ainda estava em andamento. Saiu depois, quando eu voltei pro Brasil.

MN - Quer dizer, só o fato dele dizer que havia dúvidas...

FA - Foi a desculpa que ele deu.

MN-... já por si já é um indício de que ele não era...

FA - Isso mostra a lentidão de mudar o pensamento científico de qualquer maneira quando ele está impregnado, impregnado pelas forças produtivas.

MN - Interesses econômicos.

FA - Interesses econômicos e políticos. O que a Bayer ganhou com o moluscicida deve ter sido alguns bilhões. Eu estava numa das primeiras reuniões que eu tive na Organização Mundial de Saúde... Sim! Nós terminamos então a avaliação mostrando (...) inclusive um técnico do laboratório nos confessou que melhorava o resultado da pesquisa pra agradar o Farula. Isso não está escrito em lugar nenhum, mas isso é comum em laboratórios, os próprios subalternos, os técnicos sabendo qual é o interesse dos (...) de dirigir a pesquisa de modo que é preciso ter muito cuidado...

MN - A própria relação de poder dentro da estrutura de pesquisa.

FA - Da pesquisa, é. Incrível, mas isso foi verdade. Em seguida eu comecei meu trabalho na Organização Mundial de Saúde, mas antes disso ele nos roda dentro da Organização pra conhecer os próprios problemas da Organização e o primeiro choque que eu tive foi uma dessas reuniões quando um dos conferencistas ou instrutores, não sei como é que ele chamava, um dos instrutores descrevia o papel da Organização Mundial de Saúde, então no momento em que ele disse textualmente, que o papel nosso era elevar o nome da instituição, e não foi bem o nome, era trabalhar pela instituição, pela instituição em si. Eu interrompi, minha primeira desavença em Genebra foi essa, eu pensava que era o seguinte nós estávamos defendendo os interesses das nações, nós somos um órgão das Nações Unidas, e de fato ele ficou vermelho, branco e de todas as cores. Também não é só isso, nós devemos defender também os interesses, mas não esquecer a Organização Mundial de Saúde, devia ser uma organização independente, né? E não era. A influência de estruturas, depois... Olha, eu estou falando muito.

MN - Não, não tem problema.

FA - Segundo desapontamento meu foi a reunião externa de grupo de peritos, a Organização tem um grupo de peritos que se reúne a medida que há necessidade, fez-se uma reunião sobre...sobre moluscicidas. Exatamente sobre moluscicidas ou sobre biologia de moluscos, biologia de moluscos. E quando eu entro na sala de reuniões são oito, dez pessoas no máximo na mesa, quando eu entro tem duas pessoas que eu não conhecia, as outras foram convidadas eu sabia quem eram e tal. Duas pessoas que eu não conhecia então eu perguntei ao meu chefe Dr (...) um iraniano, quem eram aquelas duas pessoas e ele disse são técnicos da Bayer. Eu disse, mas Dr (...) esse é um órgão, aqui é um órgão independente. Como é que nós vamos colocar dois, ele não tinha me dito isso porque fui eu que organizei a reunião, 'não eu convidei apenas como ouvintes para dar algum esclarecimento sobre os trabalhos da Bayer e tal.' O fato é que eles participaram da reunião e influíram na reunião o tempo todo como qualquer membro da (...) Bom, mas vamos voltar ao...

MN - Não, pode até continuar...

FA - Do período em que eu estava na Organização Mundial de Saúde? Bom, depois da minha tarefa na Organização Mundial de Saúde foi... foi uma porção de tarefas como responsável por todos os programas de pesquisa e controle da esquistossomose. Então eu viajei muito principalmente pra África, que é quem mais pedia solicitação da Organização Mundial de Saúde e onde a organização mantinha três ou dois trabalhos de pesquisa.

MN - O fato de o senhor manter essa posição independente lhe criou problemas na Organização?

FA - Não, não criou. O presidente... não era presidente, o diretor geral da organização era um brasileiro que era... um nome francês....

MN - Vamos deixar para lá. Veja voltemos então ao Aggeu, o senhor estava falando do Aggeu das primeiras pesquisas, a esquistossomose foi a linha prioritária no início, não é? O, o senhor fica esse período no Aggeu até que ano?

FA - Agora eu não me lembro do ano em que eu deixei.

MN - Sessenta? foi antes ou depois do golpe que o senhor se afastou?

FA - Foi depois do golpe.

MN - Sessenta e seis, não é?

FA - Não, foi antes do golpe.

MN - Eu tenho aqui.

FA - Tem aí? fica mais fácil então.

MN - Até sessenta e um.

FA - Sessenta e um, né? E voltei em ...?

MN - Sessenta e quatro.

FA - Sessenta e quatro.

MN - Nesse período de cinquenta a sessenta e um foram onze anos.

FA - Foram onze anos, né?

MN - Além da pesquisa com esquistossomose que outra linha de pesquisa o instituto...

FA - Nós mantínhamos uma certa liberdade de pesquisa dentro do Centro de Pesquisas, embora a gente procura-se trabalhar em esquistossomose, nós fizemos outros trabalhos sobre a leishmaniose, filariose. Foram trabalhos pioneiros, foi o primeiro trabalho de (...) das filarioses que deu subsídios ao grande desenvolvimento que o Centro de Pesquisa hoje tem um grande desenvolvimento na área de filariose. Aquela moça... Gerusa, né? E mais algumas coisas, peste bubônica foi uma outra prioridade, colocada sobre essa prioridade (...) esquistossomose, num determinado momento pelo Rodrigo da Silva.

MN - E nesses onze anos que o senhor passou ao, no Aggeu como é que ele foi se estruturando, criou-se departamentos, não? Como é que...

FA - Não, informalmente. Hoje ele é dividido em departamentos antigamente não, era muita pouca gente, nós éramos no máximo sete ou oito pesquisadores. E (...) dividido em laboratórios e em programas, mais em programas e alguns laboratórios básicos, laboratório

de exames de fezes, laboratório de exames de caramujos, e programas, programas de trabalho.

MN - E como era escolhida a pessoa para compor a equipe de trabalho?

FA - Escolhido por mim, geralmente por mim. Não houve nenhuma influência política de nomeação entre a, com o Centro de Pesquisa que é interessante isso no Brasil. Ele foi sempre respeitado, as nomeações eram feitas na circunscrição do departamento, na circunscrição de Pernambuco. Pernambuco tinha uma circunscrição que cuidava dos problemas de endemia. As nomeações políticas eram feitas lá, no Centro de Pesquisa jamais houve. A não ser um caso no fim houve um caso que eu consegui anular depois, demitido. Uma pessoa totalmente incapaz.

MN - Agora, uma pergunta que de alguma forma o senhor já comentou, como é que o senhor guia o fato de (...) no Centro, no instituto de inspiração, inspirado no irmão de Agamenon, que foi secretário da saúde dele inclusive, né?

FA - Não, nunca foi...

MN - Aggeu não foi...

FA - Eu não sei se eu posso dizer isso ou não.

MN - O que?

FA - Que eles não se davam bem. O Agamenon tinha uma inveja brutal do Aggeu. O Aggeu era dez vezes mais inteligente que o Agamenon. Tanto que nós nos dávamos, nós o meu pai nos dávamos muito bem com o Agamenon.

MN - Com o Aggeu.

FA - Com o Aggeu. Quando o Agamenon assumiu o governo, o Aggeu estava pensando, não eu não devo dizer isso não.

MN - Não se o senhor não quer...o senhor ficou esses onze anos aliando a pesquisa e a docência.

FA - A docência fora do Aggeu. Mas de fato eu dava, antigamente as universidades não exigiam horário, não exigiam e eu simplesmente dava as minhas aulas, aulas práticas, aulas teóricas, mas 80% do meu tempo eu dedicava ao Aggeu Magalhães.

MN - E em 1961, o que fez o senhor se afastar do Aggeu?

FA - Eu fui afastado, eu fui demitido por...

MN - Governo de Arraes já?

FA - Governo, não foi política estadual, foi política federal. E pessoal, foi assunto pessoal. Eu fui demitido por Lobato Paraense. Lobato Paraense é um pesquisador que entrou depois na pesquisa na área de esquistossomose e que é um homem competente, eu faço todas as justiças dele, agora eu dou o nome. Que me passou um telegrama simplesmente me demitindo. Apesar de eu ter estado com ele logo que ele foi nomeado e que tinha colocado à disposição dele o meu cargo ele me tinha dito que não, que não haveria nenhuma substituição, que iria continuar e tal, e eu acreditei nisso e uma semana depois recebi um telegrama me demitindo da chefia e nomeando um outro. De modo que eu tive que me afastar...

MN - E ele era do governo de Jânio?

FA - Ele deve ter sido do governo de Jânio. Eu sabia os nomes, mas não me lembro quem era Ministro da Saúde. Ele era muito amigo do ministro da Saúde, colega muito íntimo do Pará, ambos era do Pará. E assumiu o Aggeu Magalhães o Durval Lucena, que ficou dois anos até que assumiu José Rodrigues da Silva que assumiu depois que eu já mencionei e me chamou novamente para...

MN - Assumiu o ministério.

FA - Assumiu o Ministério não, assumiu o INERu.

MN-O INERu?

FA -O INERu.

MN - Instituto Nacional...

FA - De Endemias Rurais.

MN - A quem...

FA - Eu acho que isso está muito difícil sem ler o meu documento você vai ter um trabalho muito grande de confrontar com o documento e enxertar, que eu estou vendo que você não está seguindo muito a linha e eu também não estou porque eu não tenho as datas.

MN - Mas não...

FA - Se colocasse aqui as datas, se pudesse colocar as datas e os nomes das pessoas para que eu pudesse traçar, seria mais fácil, mas assim é difícil.

MN - Certo, então veja, assumiu então o Durval Lucena de 1962 a 1964 e...

FA - 1964 eu voltei.

MN - 1964 o senhor voltou. E aí o senhor fica até 1969.

FA - Até 1969, é.

MN - Quer dizer, o como é que vai ser o período dessa convivência com o governo de Castello Branco...

FA - Sempre foi tranquilo em relação ao governo federal e governo estadual, nunca tive problema nenhum. Nenhum problema político.

MN - Não havia interferência na pesquisa...

FA - Estava esquecido, aquele episódio meu foi pouco conhecido, o governo federal tinha muita influência nos estados, muita, muito mais do que tem hoje, muita influência nos estados. Então aquilo era área do ministério. O ministério não via interesse outro de mudar pesquisadores, nomear...porque ele tinha o canal dele que era a circunscrição do departamento.

MN-E o fato de...pelas simpatias pela esquerda? Não interferiram?

FA -Não, nunca.

MN - Nesse período não teve muita...

FA - Não nenhuma.

MN-E nesse período de sessenta e quatro a sessenta e nove como é que o Aggeu produziu nesse período?Foi a linha básica ou ...

FA -A mesma linha ...

MN - Do período anterior.

FA - Do período anterior só que com a presença do José Rodrigues da Silva. José Rodrigues da Silva foi uma pessoa importante que mantinha... um liberal, muito aberto que mantinha uma linha de pesquisa, ele era pesquisador na área de esquistossomose, na área clínica de esquistossomose. Ele manteve uma linha de independência muito grande e não houve problema nenhum por isso... Os problemas políticos se existiam eram eliminados a nível de Ministério da Saúde não chegava...

MN - Em 1969 o senhor foi afastado novamente?

FA -Não, aí eu me afastei.

MN-O senhor quem pediu?

FA - Aí eu...

MN - Já foi pra Organização?

FA - Já foi para, tinha o convite da Organização Mundial de Saúde, me aposentei precocemente, uma aposentadoria especial pra hoje não muito em foco, não é? Com 25 anos de trabalho, através de uma lei que dava àqueles que combateram ou atuaram em áreas na zona de guerra essa vantagem. E essa vantagem eu pude auferir porque no início interpretou-se como sendo os pracinhas que foram para a Itália, mas eu tinha sido convocado para o Exército e espertamente os militares determinaram zona de guerra o Nordeste do Brasil também, era zona de guerra então...

MN - Foi beneficiado.

FA - Fui beneficiado. Isso me permitiu viajar para Genebra.

MN - Sei. Esse período foi contado a época que o senhor esteve no Hospital Militar? De 1942 a 1944?

FA - Não, não. Não foi necessário, eu tinha 30 anos de serviço já.

MN - Sei.

### **Fita 3 – Lado B**

MN-...Mundial de Saúde?

FA - Dois anos e pouco.

MN-O projeto era ficar dois anos e pouco ou era ficar mais?

FA - O contrato era de dois anos e meio, contratos renováveis de dois anos. Eu fui contratado por dois anos e depois do segundo ano eu não quis mais, eu não queria mais ficar, um trabalho muito burocrático, das posições que eu tinha assumido, do interesse que eu tinha de continuar os trabalhos no Brasil, isso tudo me fizera voltar e eu voltei depois de dois anos e mais dois meses que eu fiquei lá.

MN - E...

FA - Voltei em 1962.

MN - Dessa experiência na Organização Mundial de Saúde que outros, além dos que o senhor já narrou, que outros momentos foram marcantes na sua memória?

FA-A experiência foi excelente. Quer dizer, viver numa organização em Genebra, não apenas pelo fato de viver no primeiro mundo, eu digo do ponto de vista científico e internacional é uma experiência de vida muito rica. Apesar dos problemas que eu tive, apesar dessas divergências, foi uma muito rica, primeiro porque você encontra todo o mundo científico da sua área, dentro de dois anos eles passam por lá mais de uma vez. Pela

experiência ganha, pela responsabilidade de assumir, responsabilidade de você dar consultoria a países no exterior. Aí houve um problema muito, que eu não podia, não nas minhas consultorias eu não indicava molusticidas para controle...Os meus relatórios, todos os meus relatórios feitos na Organização Mundial de Saúde foram carimbados como...

MN - Não recomendáveis?

FA -Não, não. Não ficava à disposição de todas as pessoas, caíam no outro...secretos! Ou talvez tenha outro nome. Se você for lá hoje e quiser ver os meus relatórios não vai encontrar, a não ser que você tenha permissão do diretor geral. Era assim que eles faziam quando eles não tinham, era uma plutocracia, vindo do ponto de vista político a Organização era uma oligarquia de...

MN - De interesses.

FA - De interesses. Interesses industriais comerciais, aquela agência, não que eu tenha nenhuma prova dessa, mas os interesses eram muito grandes em...Mas a questão é que os interesses não batiam, os interesses de usar molusticidas não batiam com o interesse do país, que os países todos já estavam com a consciência voltada para os malefícios produzidos pelos molusticidas. De modo que eu juntava o meu interesse com o interesse que não podia ser de outra maneira, politicamente não podia ser, não podia ir ao país e querer impor. Quando, por exemplo, na Nigéria, a primeira vez que eu fui existia um grande lago, lago (...) na Nigéria, eu estou com minha cabeça, eu estou perigoso. O lago (...) é na... lago não!Ah, eu não estou com cabeça para dar não.

MN - Mas sim, um lago na Nigéria, o importante é isso. Não se...

FA - Eu falava da minha visita ao grande projeto que estava começando a se desenvolver na Nigéria financiado pela Organização Mundial de Saúde, de controle da esquistossomose no lago Gana na, no país.Não é a Nigéria, é ao lado da Nigéria. Na minha viagem a Gana como representante da Organização Mundial de Saúde na implantação do projeto do grande lago que corta o país, eu explicitamente e politicamente, interagi com a Secretaria de Saúde da região no sentido de não aplicar molusticidas no lago. O lago foi construído, era um naquela época era o maior lago do mundo em extensão e a esquistossomose foi rapidamente instalada nas margens do lago pelo hábito da população de se construírem suas cabanas na beira do lago, isso porque o lago se tornou um lago extremamente piscoso e a população se estabelecia ao longo do lago. E eu tive muita dificuldade em explicar na minha volta, através do meu relatório, que não se deveria aplicar o molusticida no lago porque seria uma tragédia! Realmente o governo de Gana apoiou o meu relatório e o projeto não usou molusticida na área.

MN - Mas a Organização Mundial de Saúde ficou muito satisfeita com a sua intenção?

FA - Certamente não, né? Mas as coisas eram feitas num manto de hipocrisia... quando eu pedi ao meu chefe a demissão, demissão não! Que acabava o contrato e eu não queria...Ele insistiu comigo para eu renovar. Ele tinha o fama de muito briguento, de temperamento muito difícil e era. E ele estava muito visado também por isso, porque ninguém ficava lá

mais de dois anos. De modo que esse episódio de Gana foi um dos episódios no início da minha instalação em Genebra que deu muito problema.

MN - Algum outro episódio assim marcante, também desse período na Organização?

FA - Foi tão intensa a minha vida na Organização! Eu tinha um monte de trabalho para fazer. Porque tudo de esquistossomose caía na minha mesa de qualquer maneira até um estudante da Universidade de Bombaim na Índia quer saber como é que se controla a esquistossomose, uma carta comum dessas ia para minha mesa. Como ia para a mesa dos outros na especialidade de cada um. De modo que eu me mantive na minha linha de adversário do uso de moluscidas, participei desse trabalho com o professor Giles de Londres mostrando que a, o pouco valor que tem o uso de moluscidas. E voltei pro Brasil com a soma enorme, de uma experiência enorme no campo internacional, administração, técnica, pesquisa, avaliação de programas, eu que avaliava todos os programas da Organização. Viajando muito, foi muito rica essa passagem.

MN - Essa sua postura acadêmica de pesquisador numa instituição do porte da Organização Mundial, em nenhum momento a Bayer lhe abordou, não?

FA - Não, ela não me abordava desde o início que já me conheciam.

MN - Sabiam da posição e não adiantaria...

FA - Nunca recebi nenhuma, na minha vida aliás não me lembro de ter recebido nenhum, nenhuma proposta indecente. (risos)

MN - Já se sabia de antemão qual seria a resposta. Bem, então voltando ao Brasil, voltou pra Recife?

FA - Não eu voltei no Brasil, quando eu quis voltar pro Brasil naturalmente eu contatei alguns amigos aqui no Brasil pra saber que possibilidade eu tinha aqui no Brasil. Então surgiram três possibilidades; Pernambuco não me convidou. Mas eu fui convidado pela Universidade de Brasília, aonde afinal eu vim. Fui convidado pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela USP em Ribeirão Preto. Esses convites informais que eu tive, eu depois de muito pensar e também a par dos interesses da minha mulher eu resolvi por Brasília. E também por um desafio, eu estava muito envolvido também e uma atividade que não apareceu ainda, ensino médico. fui presidente da ABEM, Associação Brasileira de Ensino Médico. Na época eu estava muito envolvido, antes mesmo de ser presidente eu estava muito envolvido em educação médica. E, Brasília me despertou pelo interesse de um novo modelo que estava se instalando em Brasília de educação médica. Foi um erro grande, erro não porque eu teria tido mais tranquilidade, não desenvolveria os problemas que desenvolveram na época em Brasília se eu tivesse optado pela USP ou pela, ou por Minas Gerais.

MN - E que problemas? Dá pra falar...

FA - Problemas políticos, problemas políticos. Não, isso vamos falar, isso é, eu já estou fora do Aggeu Magalhães a minha coisa vai até...

MN - Não vai, é sua história de vida.

FA - Bom, então vamos entrar em Brasília?

MN - É.

FA - Então eu aceitei o convite para ser professor titular de Medicina Comunitária, era o nome em Brasília.

MN - Sei, isso em 1972 para 1973?

FA - Em 1972, é. 1972, início de 1972. eu cheguei em Brasília em fevereiro ou março de 1972. Através de uma seleção que se fez, através da apresentação do currículo. E, eu fui diretamente para Brasília, passei aqui minha primeira mulher havia falecido, eu passei aqui em Pernambuco e eu continuei ligado, esse fato é importante, minhas pesquisas de campo e de laboratório mesmo, as minhas pesquisas em esquistossomose sempre foram ligadas ao Aggeu Magalhães, houve uma sucessão de diretores, não é? E todos eles me apoiaram e eu aplicava os ganhos recebidos, o dinheiro recebido eu aplicava aqui e continuei desenvolvendo paralelamente a minha... e na outra minha face era a educação médica e comunitária, trabalho de comunidade, que comecei a desenvolver aqui em Pernambuco mesmo, antes de viajar...

MN - Quer dizer, de alguma forma o senhor manteve uma equipe ou manteve contato com a equipe do Aggeu...

FA -A minha equipe não se desmantelou, ela continuou armada.

MN - Quem era sua equipe? Ou quem é sua equipe até hoje?

FA -Não hoje eu não tenho mais.

MN - Quem era na época? Em 1969 quando o senhor foi para a Organização Mundial?

FA - Eu tinha duas pessoas que faleceram agora. Isso também desmanchou minha equipe aqui, eu também já estava na época de me desmanchar. E eram Francisco Arruda, que faleceu. Uma pessoa interessantíssima com uma memória muito boa, que era um técnico em laboratório, mas de nível muito alto, que foi trabalhar comigo em Genebra, em Genebra não no projeto de Gana. Que trabalhou um ano para a Organização depois teve malária, teve problema aí voltou. Tão envolvido que ele era, ele era um técnico, mas era um técnico de nível muito alto e a outra essa eu tenho que lembrar.

MN - Pesquisadores Francisco Arruda...

FA - Francisco Arruda e Pereira da Costa.

MN - Pereira da Costa ou Pessoa da Costa? Pereira?

FA - Pessoa da Costa.

MN - Eram esses dois pesquisadores que mantinham suas pesquisas na linha de esquistossomose.

FA -E com equipes de mais cinco ou seis pessoas...

MN - Auxiliares.

FA - Auxiliares. Treinando, era um pessoal muito treinado, treinado há vários anos.

MN - E durante esse período o senhor obteve muitos recursos para a continuação desse trabalho?

FA - Ah! Continuei a receber os recursos. Agora antes é melhor mencionar o concurso, né? Tem muita coisa que está faltando...

MN - Mas o seu (...) de medicina (...)?

FA - Foi feito aqui em 1966.

MN - Foi em 1966?

FA - Quando é que tem aí?

MN - Tem 1960. Foi 1966?

FA - Ah, 1960, não!

MN - Desses concursos que o senhor fez, tem algum que foi uma experiência assim, marcante?

FA - Não, os concursos de docência livre, eu fiz quatro concursos, eles são... não há concorrência. Não há número de vagas, a docência livre vale a pena, outro instituto nacional que nunca foi avaliado no país. Criou-se o sistema de mestrado e doutorado copiando, mal!, as propostas, o projeto americano, norte-americano e se esquece que os professores, os grandes professores pelo menos na área de medicina foram criados na época da docência livre, que era um sistema muito sério e que funcionou muito bem, durante muitos anos no Brasil. A sua pergunta foi?

MN - Nesses concursos que o senhor fez, tem algum episódio marcante? Durante...

FA - Não, que eu me lembre foram tranquilos. Com exceção do concurso que eu fiz para a cátedra que eu tinha um concorrente, que era não me lembro o nome, um sanitarista que também, para fazer cátedra era obrigado ter o título de docente livre. Antigamente era cátedra. Hoje mudou.

MN - Hoje é titular.

FA - Titular. Antigamente era catedrático, eu fiz ainda concurso, um dos últimos professores a fazer concurso no sistema de professor catedrático. Eu fiz esse concurso disputando com outro colega, mas eu tinha muito mais título muito mais, ele era um técnico de saúde muito bom, mas eu tinha mais títulos de formação de modo que meu nome foi indicado em primeiro lugar. Na cadeira de Higiene e Medicina Preventiva, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

MN - Certo. E nesse período que o senhor foi para, pra... primeiro pra Genebra e depois volta pra Brasília, o senhor se aposenta de...

FA - Aposentei, já tinha aposentado dessa. Porque eu tinha toda uma séria vivência em cargos anteriores. Fui assistente na cadeira de Parasitologia, fui professor depois simultaneamente eu sempre exerci uma docência, uma função de serviço. Que não estão aí mas tão detalhadas no meu documento. Então de modo que eu tinha 30 anos de serviço quando pedi, cerca de 30 anos de serviço quando pedi a aposentadoria tanto da Universidade quanto do Ministério da Saúde.

MN - Bem, vamos voltar à Brasília. O senhor estava falando de sua experiência em Brasília.

FA - Bom, eu aceitei, repito, a indicação para Brasília e foi feita uma seleção e fui indicado, era uma função naquela época não havia concurso, eu não estava realizando, as fundações não realizavam concursos. Ou melhor, havia um concurso interno, mas eu não tive concorrência eu concorri sozinho. E me instalei em Brasília em, no início de 1972... Bom, eu sabia que a Universidade de Brasília era uma das mais repressoras instituições públicas no país. Porque era dirigida, o vice-reitor e depois reitor se chamava...esse eu esqueci mesmo.

MN - Parece que era Zé Carlos.

FA - Zé Carlos de Almeida Azevedo.

MN - Era um almirante, alguma coisa assim.

FA - Era contra-almirante parece, aposentado, reformado. Eu já sabia porque esse homem fez uma fama espetacular no Brasil inteiro, não é?

MN - Foi.

FA -E ele foi colocado lá porque ele era o intelectual da Marinha. Ele tinha um PhD em Física nos Estados Unidos e isso o colocava numa situação de repressor qualificado. Eu dizia sempre que ele foi fazer foi curso de repressão nos Estados Unidos e é provável que ele tenha feito simultaneamente. Mas a...depois a gente risca algumas coisas, não é?

MN - Claro.

FA - Mas dele eu não faço questão se colocar não. Você já me entrega numa linguagem já corrigida, não é?

MN - Já.

FA - Bom, eu fui investido então na cadeira, já não havia mais catedrático era professor titular e já não havia aquele pseudo que o catedrático era o dono, o único, o rei e único. Mas alguns professores catedráticos, titulares podiam ser, foi criado o sistema de disciplinas, então as disciplinas constituíam programas ou departamentos, mas o número de titulares não era número de vagas restrito a uma pessoa, havia mais um titular lá. E tem toda uma série de desavenças entre mim e o reitor. Eu não sei como relate isso que isso está bem relatado no documento. Não no documento não está! Espera aí um pouco...

MN - O senhor ganhou esse título de...

FA - Não eu ganhei agora esse ano.

MN - Ah, foi! É verdade. Como é que foi a sua convivência lá em Brasília?

FA - No princípio foi muito amável. Ele era vice-reitor, o reitor era Amadeu Cury, que era um microbiologista um homem famoso com projeção, mas também um homem conservador que tinha como vice-reitor o Zé Carlos de Azevedo que era o pau-mandado da ditadura militar dentro da Universidade. A Universidade de Brasília, construíram a poucos quilômetros do poder central em Brasília. Então era uma universidade muito 'bem cuidada', entre aspas, para que não houvesse, apesar de vários movimentos que a Universidade de Brasília fez, mesmo antes de eu chegar em Brasília...

MN - Mas voltemos então ao seu tempo em Brasília. Inicialmente uma relação amistosa com o reitor e o vice-reitor...

FA - Você está me provocando com as perguntas (...) qual é?

MN - Inicialmente...

FA - Inicialmente as relações foram muito boas, ele sabia da minha condição, eu fui convidado aliás por um professor chamado Aluísio Prata que é um professor de muito valor científico mas um conservador de primeira categoria com quem eu briguei violentamente logo no início e as relações foram muito boas a ponto de eu ter aceitado a diretoria da escola, da Faculdade de Ciências da Saúde como se chamava por dois anos e com uma série de... Aí começaram os problemas, primeiro problema, parece ridículo, que (...) isso tenha acontecido, ele me chama e, depois a gente (...) alguma coisa, faço questão de falar mal do reitor, não. Ele me chama para... sim, a indicação do chefe de departamento, departamento de clínica, departamento grande. Ele pediu uma lista de seis nomes e ele nomeava, então eu fui levar a lista pra ele escolher e ele olhou, olhou, olhou, e disse 'mas aqui não está, não tem nenhum nome da minha confiança.' Realmente o departamento trabalhou politicamente

para eliminar o candidato que ele queria, então eu disse ‘é uma lista aberta feita pelos componentes do conselho departamental.’(...) ‘Quem é que você quer dessa lista?’ Eu disse ‘nenhum, todos eles são de minha inteira confiança.’

MN - (risos) Não eram os dele, mas eram os seus!

FA - De minha inteira confiança. ‘Não, eu não assumo isso não. (...) mas você volta aqui amanhã.’ Eu voltei no dia seguinte e ele disse ‘Olha, eu pensei e vamos fazer outra relação, você reúne o...’ Eu aí para não brigar de cara com ele eu digo, eu tratava ele por Azevedo mesmo, era mais velho do que ele, eu digo ‘Eu vou sair para não lhe dar a resposta, mas eu só digo uma coisa, você não me conhece’, saí. E não voltei no departamento até que outra ocasião ele me chamou já uns dois meses ou três meses mais tarde e disse ‘eu pensei um pouco e vou nomear...’ voltou à mesma pergunta, qual era o que eu queria e eu disse ‘qualquer um que você indicar...’ aí ele escolheu um nome ali e indicou. Aí começaram as rixas, pequenas rixas desse tipo e eu contornando como podia, mas sem ceder nos pontos essenciais, isso parece mentira, mas é verdade. E finalmente a coisa culminou com, terminou os meus dois anos de prazo e eu não aceitei reeleição, poderia haver reeleição eu não quis mais. Foi reeleito outro, aí a coisa continuou, ele já como reitor da Universidade e houve uma grande greve na Universidade e os professores...foi criada a Associação dos Professores da Universidade de Brasília...

MN - Associação Docente.

FA -ADN(...), né?

MN - É.

FA - Associação docente. (...) nós participávamos da fundação de... eu não aceitei cargo nenhum. eu jamais, eu lhe disse que eu nunca tive partido político. e jamais eu militei na periferia, eu não tenho...não tenho carisma pra isso. Então eu fiquei sempre no sistema, na área mais intelectual da resistência, não é? De modo que eu, mas aí eu tive que trabalhar mesmo na periferia porque não havia...formamos uma comissão que (...) quiser lembrar o nome, mas (...) estava entre eles.

MN - Cristóvão também?

FA - Creio que sim, mas eu não tenho realmente confiança. Uma comissão de cinco professores, era intermediário, mas torcendo pelos estudantes, é claro. E aí eu tive que manter contato com ele durante a greve várias vezes e tive discussões de toda natureza possível com ele. Com a franqueza (...) nessa ocasião a universidade foi invadida. Isso, eu não assisti esse fato porque eu trabalhava num prédio um pouco distante da eu não me lembro...

MN - Não tem problema.

FA - Não faz ruído aí não?

MN - Não.

FA - Eu tinha, eu trabalhava distante do prédio central, aquele prédio que chama Minhocão na Universidade. Mas a descrição que foi feita por vários professores é que entrou uma missão comandada por um capitão, agachados (...) de guerra. Esvaziaram os pneus dos automóveis, era estratégia deles para ninguém fugir de automóvel, e na hora era meio-dia exatamente a hora que os professores estavam saindo para o almoço. E todos os professores eram colocados em linha contra a parede com o fuzil, inclusive mulheres, esposas as vezes esposas dos professores e filhas menores, foi então a invasão da Universidade de Brasília. Então nós fomos protestar contra isso e na discussão com ele, como é que ele permitia uma entrada das forças armadas 'não, eu não posso fazer nada.' Eu digo 'você pode, o seu prestígio lá no núcleo de conservadores do governo você podia... E outra coisa é o seguinte, você não desceu para defender seus alunos' disse a ele assim 'você não desceu para defender seus alunos que estavam lá em baixo, você estava aqui em cima.' Nós sabíamos que ele estava na reitoria, que é em cima. Aí as discussões eram violentas, né? Aí eu estava partindo mesmo pra deixar já a universidade, não ia ...Então outras discussões ocorreram, uma ocasião ele me telefona, dizendo 'os professores não estão', ele telefona como o coordenador desse grupo, 'os professores não estão, não estão indo à aula. Não tão indo à sala de aula.' Eu disse 'olha, não é isso que me consta, os alunos é que estão em greve, os professores não estão em greve.' Aí ele disse 'não, mas você tem que, você está na comissão, você tem que olhar esses problemas' eu digo 'eu não sou bedel pra olhar problema dessa natureza, nem sou...' Então ele falou 'porque o lugar do professor é na sala de aula.' Aí subi aqui, desceu aqui, então eu digo 'vou agora na sua casa com a comissão que está reunida comigo aqui na minha casa lhe dizer onde é o lugar do professor que você não sabe.' Disse assim e disse a ele qual é o lugar do professor quando fui na casa dele. Então as coisas ficaram extremante... perigosas, né? Quando culminou com a... não me lembro como terminou a greve do estudante, mas terminou a greve, os trabalhos voltaram ao normal na Universidade, eu viajei para os Estados Unidos numa ocasião, demorei um pouco e quando eu cheguei eu tinha um programa comunitário de medicina comunitária numa cidade satélite de Brasília, Planaltina. Um programa que estava sendo financiado por duas organizações internacionais além de organização e duzentos mil dólares pra esse programa, que era bom, estava lançado já o programa, eu estava na fase de querer avaliar...

#### **Fita 4 – Lado A**

FA -... de Planaltina que era um programa eclético, que reunia professores da área de saúde, da área de assistência social e de outras áreas e o programa já tinha sido financiado por organizações nacionais e internacionais, quando eu chego em Brasília da viagem, encontro simplesmente um clima ele denunciou, na minha ausência ele denunciou, aliás não tinha importância se fosse na minha presença não porque a minha presença não adiantaria nada, ele denunciou todos os (...) convênios, eram seis ou sete convênios, ele denunciou os convênios alegando que, iria fazer umas reformas estruturais na universidade e tal pra depois recomeçar... denunciou os convênios e aí eu me senti sem tapete, ele puxou o tapete. Daí por diante as coisas engrossaram...

MN - Quer dizer ele praticamente cancelou os convênios?

FA - Cancelou, denunciou, cancelando e dando uma desculpa boba, não é? Daí por diante eu me via, bom ele fazia coisas primárias, tirava a secretária, me tirava o telefone e começou um outro processo que eu fiquei espantado na minha vida e que eu rasguei, há pouco tempo joguei fora, uma pena. Nas minhas viagens perdi tudo, ou rasguei, deixei por lá porque era um volume dessa grossura que eu tinha, e eu isso atribuo ao que eu poderia chamar de... tortura psicológica. Primeiro depois de encerrado o programa, depois das coisas estabelecidas e tal, eu fiquei dando aulas apenas, né? Dando aulas de epidemiologia, então logo em seguida recebo uma primeira...ofício dele: ao senhor professor tal Frederico Simões Barbosa, depois eu soube que ele fez isso com outros professores, desejo saber o que é que o senhor está fazendo depois que o programa Planaltina foi extinto. A relação das suas atividades. Eu digo: é um chato, né? Esse homem tá me chateando. Então eu respondi, tô fazendo isso, tô dando aula, mas aí eu (...) na ausência do programa Planaltina foram prejudicados (...) assim, assim, assim...foram fechados três postos rurais, nós mantínhamos três postos rurais, e as ligações com o Hospital de Planaltina foram interrompidas, por isso estou apenas nessa função de dar aula. Três, quatro dias depois outra coisa, olha, essa correspondência se estabeleceu durante uns dois ou três meses fazendo um volume dessa grossura, pra eu responder coisas que ele perguntava. Quantos trabalhos publicou, onde é que estão os trabalhos publicados, me mande as cópias dos trabalhos, a coisa foi se avolumando que eu comecei a me envolver e ter prazer naquela coisa e eu me lembrei de ter lido alguma coisa sobre tortura, quando o torturador se envolve com o torturado e o torturado se envolve com o... tive um prazer mórbido de estar respondendo, então eu respondia buscava literatura para responder. Lembro-me que uma das coisas que eu mencionei, a coisa ficou meio infantil também, tanto quanto a raiva a infantilidade. Porque uma vez o professor Carlos Chagas filho voltando, que era, é muito meu amigo, voltando de Roma onde ele é membro do Conselho Ecumênico de Igrejas, uma coisa assim.Não! Membro da igreja não, era membro do Conselho...Pontifício Conselho de Ciência do Vaticano, ele foi presidente desse conselho durante muito tempo. Ele me trouxe uma coisa recentíssima foi a declaração do papa...qual? Naquela época.

MN - Esse agora?

FA -Não, naquela época. Acho que é (...) de setenta, não 1980, 1981, 1982.

MN - Era...

FA - Era esse, acho que já. Com a declaração do papa em que ele liberava...agora desliga...

MN - ... .. o documento.

FA -O documento papal que absolvía Galileu, depois você coloca...

MN - Que Galileu foi excomungado?

FA - De culpa, porque ele era excomungado pela Igreja. E eu percebi então que eu estava pelo menos tomando interesse na discussão e isso me enojava, me dava nojo, náusea e eu

não podia continuar mais e finalmente eu pedi demissão da Universidade de Brasília antes que eu fosse demitido. Pedi demissão e em 1990 também a data vai ser 1982.

MN - E o senhor depois da demissão de Brasília...

FA - Depois de Brasília eu fui para a Universidade de São Carlos.

MN - Vamos ficar por aqui?

... ..

FA - Uma coisa que eu omiti, que tem importância do ponto de vista político, na década de 1969, no ano de 1969 por aí, fim da década de 1960, houve a promulgação do famoso artigo 477, que punia estudantes universitários de um modo geral por crimes políticos. Esse fato foi muito marcante na minha vida, porque eu era professor titular da faculdade, da então Faculdade de Medicina e presenciei esse fato que passou de maneira seguinte; em determinado momento a diretoria da Faculdade de Medicina após a promulgação do artigo 4477 anuncia uma reunião para discutir propriamente esse problema, ou melhor, o problema se continha numa relação de alunos da Faculdade de Medicina que tinham cometido delitos ditos políticos. E essa relação discriminava cada crime, entre aspas, político que cada aluno teria cometido, e pedia apreciação da Congregação que era naquela época o conjunto maior de professores, o órgão mais elevado administrativo e político da Faculdade de Medicina. Essa foi uma das cenas mais (...) que eu já vivi, que eu já assisti na minha vida. O diretor antes de começar, o diretor era...não me lembro não.

MN -O diretor.

FA -O diretor eu não me lembro o nome.

MN - Não precisa.

FA - Posso relatar, então. O diretor chamava cada professor antes da reunião para dizer, para explicar o assunto e que a, dizendo claramente que a região militar estava pedindo pra que nós deveríamos obedecer à cassação desses alunos. O assunto é exposto então em conjunto na reunião, não mais com essas palavras, mas com imagem de neutralidade...

MN - Quer dizer antes...

FA - Tal negócio é esse...

MN - Numa conversa particular com cada professor antes da reunião.

FA - Cada um que chegava, está ligado? E procedeu-se então à cassação, os que votavam a favor da cassação e os que votavam contra a cassação. Votaram a cassação a grande maioria dos professores, a congregação era composta dos professores titulares, os catedráticos apenas e mais representantes dos docentes livres e dois representantes dos estudantes e um representante administrativo. Naturalmente que os dois estudantes forçaram extremamente para explicar os motivos para se defenderem das acusações. E quando tinha sido esgotado o tempo que eles tinham pra falar, nenhum professor conseguiu

a palavra, o assunto foi dado a votação e dois professores. eu e Fernando Figueira votamos contra a cassação mais contra também, o representante dos docentes livres que eu não lembro o nome e os dois estudantes é claro, e os outros votos foram dados à...

MN - A favor.

FA - A favor. Era isso que eu queria contar.

MN - Nesse período que o senhor teve a frente do Aggeu, de 64 a 69, esse período houve alguma perseguição política por causa do regime dentro do Aggeu, não?

FA - Não.

MN - Houve algum pedido de afastamento de algum pesquisador nesse período de 64 a 69?

FA - Não. Eu como lhe disse o Aggeu passou (...) a esse período. Agora depois desse... eu estava próximo a viajar...

MN - O senhor já tinha se afastado?

FA - Não eu estava ainda, estava na Faculdade de Medicina que eu já relatei os fatos políticos, mas não tem nada com o Aggeu Magalhães. O Aggeu Magalhães não sofreu absolutamente nada. Eu posso lembrar outro episódio, né?

MN - Sim, claro.

FA - Logo depois da revolução de 64, mas não envolvendo diretamente o Aggeu Magalhães, mas eu havia sido convidado pra jantar em casa de um colega considerado, não era do Aggeu Magalhães, mas era da Faculdade de Medicina para almoçar num determinado domingo que foi exatamente um domingo após 64. E quando eu cheguei lá, ele era muito próximo aos militares esse colega, não me lembro o nome, estava um capitão Bismarck, me lembro o nome. Ele está citado em todas as listas de perseguidores políticos em Pernambuco. E exultante, um chopezinho ia, um chopezinho antes do almoço e ele estava alegre satisfeito começou a comentar a revolução e eu encolhido, calado, né? No cantinho, sabia que devia ficar bem comportado. De repente ele se vira pra mim e diz 'você não está satisfeito, não está contente?' 'Não, eu estou normalmente satisfeito. Sou de temperamento muito retraído.' Ele disse 'que é que há? você parece que tem algum problema. Qual é o problema a que você tem?' Eu digo 'eu não tenho problema nenhum'. 'Se tiver algum problema e quiser aproveitar e pegar alguém que você não gosta, que seja seu inimigo esse é o momento.' Aí exibiu, puxou a camisa e exibiu um corte que ele disse foi de facão de um soldado que ele partiu para pra cima para tomar a faca costurando assim, de cima até em baixo. Esse foi um fato que me marcou. Eu disse a ele que não, que não tinha inimigos e tal, que vivia muito bem e dei o fora.

MN - Para ir para São Carlos, o senhor pede demissão.

FA - Ah, eu pedi demissão, aliás antes disso e minha demissão deve ter sido em torno de 1982, 83. Eu ainda continuei em Brasília fiquei desempregado, pedi demissão e fiquei desempregado. Imediatamente eu fui chamado para o Ministério da Educação. E passei lá, cerca de um ano e meio enquanto minha mulher continuava na... na Universidade. Eu também não estava com desejo de sair de Brasília, tanto que eu fiquei lá um ano e meio. Nesse período eu lancei um programa de medicina comunitária, de visitas as escolas brasileiras, que por sinal não saiu do papel. Tal não era pra sair do papel mesmo. Esse... foi publicado uma monografia com o nome de Programa de... Programa de... de Integração Docente Assistencial.

MN -(?)

FA - Agora vamos pra...

MN - Hum-hum

FA - As perseguições que não podiam ser feitas diretamente a mim, no Ministério, na Universidade de Brasília, foram feitas agora a partir, sobre minha mulher. Com pequenas coisas...

MN - Ela era professora de que?

FA - Ela era professora do mesmo departamento, departamento de ensino comunitário. E... as perseguições começaram a ser feitas sobre ela como por exemplo, não dar licença, nenhum pedido de licença era encaminhado, nenhum pedido para viajar particularmente para o exterior era despachado de modo que chegou o momento em que a situação pra ela não era favorável então ela também pediu demissão. Nesse momento eu me articulava com...era membro do conselho CNPq, conselho...tem um nomezinho...conselho...

MN - Um dos conselhos do CNPq.

FA - Um daqueles conselhos que se reúnem pra divulgar projetos. Conselho... em cada área, diversas áreas, diversas áreas, tem atualmente trinta ou mais, não sei dizer. Que julga, julgava esses projetos. Enfim, eu era membro desse conselho na área de medicina, e eu fiz muito boas relações com um eminente professor da Universidade de Botucatu em São Paulo, que era no momento reitor da Universidade São Carlos, também em São Paulo. Ele a algum tempo insistia para que u fosse para São Paulo, pra São Carlos. O nome dele é Rogini, o último nome é Rogini. Isso depois a gente acrescenta, né? E eu acabei então aceitando o convite e fui, minha mulher foi nomeada professora titular e eu fui às custas do próprio ministério da educação pra implantar um programa de...como é que eu falei acima...

MN - De Integração...

FA - De Integração Docente Assistencial. Então eu passei em São Carlos cerca de um ano, um ano e meio e aí (...) políticas de ordens política, houve eleição, redigi o programa, entreguei ao reitor o programa e houve muitos movimentos políticos estudantis e greve, de modo que isso atrapalhou muito meu trabalho, mas finalmente chegou a época da reeleição

de reitores, de reitor da Universidade de São Carlos. O reitor era muito querido da comunidade acadêmica tanto docente quanto discente e teve uma votação unânime e exigiram um nome só, que era paulista, não me lembro o nome também.

MN - Ester Figueiredo.

FA - Ester Figueiredo, exatamente. Que não aceitou a lista única e devolveu a lista à universidade, uma nova lista foi então feita com o Rogine em primeiro lugar e mais seis professores, inclusive, eu fui votado em terceiro lugar. Mais uma vez a ministra Ester recusou o nome do Rogini e foi nomeado um interventor que era um professor da USP de São Paulo. Isso tornou a minha situação insustentável em São Carlos e eu então procurei, naquele momento eu estava me separando da minha segunda mulher, me obrigou a procurar outra solução. Surgiu então o nome de Ernani Braga um grande, um dos maiores sanitaristas brasileiros que foi diretor da Escola Nacional de Saúde Pública, era diretor da Escola Nacional de Saúde Pública na época é quem tinha insistido comigo há anos, tinha sido também meu colega na Organização Mundial de Saúde e insistia comigo desde então que ia guardar um lugar pra mim. Porque a nomeação era feita por concurso e eu passo telefone pra ele e imediatamente aceitei o convite dele pra me preparar pro concurso. Fiz o concurso então em 1980 e, essa data também (...), prestei concurso e fui com mais dois companheiros classificado em primeiro lugar e nomeado professor de epidemiologia, a disciplina de epidemiologia na Escola Nacional de Saúde Pública. Mudei pro Rio de Janeiro, já separado, e iniciou uma nova fase da minha vida que durou onze anos. Nesse período eu continuei a trabalhar como sempre, em campo em Pernambuco aliado ao Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, quer dizer esses estudos meus não sofreram nenhuma (...) de continuidade. Enquanto eu estive na ENSP, Escola Nacional de Saúde Pública, fui chefe do Departamento de Epidemiologia e depois diretor da Escola Nacional de Saúde Pública. Esse período eu dediquei em parte ao ensino médico, não sei se eu falei em algum lugar, fui vice-presidente e depois presidente sucedendo Fernando Figueira na presidência da Associação Brasileira de Educação Médica. Foi uma época que eu tive muito ocupado, exercendo duas atividades que não eram opostas, mas que eram caracteristicamente diferentes... nas suas aplicações. Quer dizer com o trabalho de pesquisa... ou melhor, com o trabalho de pesquisa que eu tinha eu tive que assumir a coordenação de pós-graduação da Escola porque estava numa situação muito deficiente então eu assumi pessoalmente durante algum tempo. Dirigindo a Escola de Saúde Pública e sendo diretor, presidente da Associação Brasileira de Educação médica, imagina que felizmente todas as atividades eram feitas dentro da escola, isto é, a execução da pesquisa era fora, mas a administração da pesquisa era feita dentro da escola. Eu cheguei nessa ocasião a ter quatro gabinetes com quatro secretárias, em quatro andares diferentes. Felizmente do contrário eu não tinha podido dar conta. Terminados os meus mandatos eu voltei ao campo raso e fiquei na Escola de Saúde Pública alguns anos ainda, e aí um fato a relatar...

MN - Esse período em que o senhor ocupou quatro cargos, alguma coisa assim marcante, algum acontecimento?

FA - Muitos, o trabalho nessa pesquisa ele continuou normalmente com a minha equipe trabalhando em Recife, eu apenas exigia, viajava com relativa frequência a Recife e controlava o trabalho, isso não me deu maiores complicações. Mas a Escola de Saúde

Pública era uma instituição muito complexa, extremamente complexa, com interesses de toda ordem e fundamentalmente política. Grupo de esquerda atritava com grupo de direita e havia ocasiões em que eu tinha que interferir com muita firmeza, em certas posições que tinham surgido na Escola. Foi um período também muito rico na política podemos agora recordar o momento político de 1983, que eu não me lembro não.

MN -1983?

FA -Não, 1990... 1983, quando eu cheguei lá. Qual era o momento político?

MN - Era Geisel, não, era Figueiredo.

FA - Era Figueiredo.

MN - Já era o movimento pela abertura...

FA - Com o movimento da Anistia e abertura política houve posicionamentos claros inclusive da Fundação Oswaldo Cruz que era presidida por Antônio Arouca.

MN -A Fundação Oswaldo Cruz era dirigida por Antônio Sérgio Arouca?

FA - Não, em determinado momento antes era dirigida por..., a eleição do Arouca que foi conturbada, mas antes era dirigida por... a eleição que quis impor ao Ministério da Saúde, porque a Fundação Oswaldo Cruz as nomeações eram por indicação do Ministério e não por eleição, pela primeira vez nós constituímos um regimento, estatuto da Fundação incluindo o item que as eleições seriam por votação universal dentro da Fundação. Esses fatos sucederam de modo que, a maneira que se fez então... eu não estou lembrando. Esses fatos são muito ricos, mas eu não estou lembrando não.

MN - Foi feita a eleição, e mandaram o nome do Arouca, né?

FA - Mas tem antecedência, muitos ... O estatuto vem depois do Arouca, depois do Arouca na presidência. O atual presidente, o presidente do momento, que eu não me lembro o nome, lutava pela sua...

MN - Reeleição.

FA - Reeleição. Ele era um militar reformado, foi professor da Universidade da Paraíba em João Pessoa. E nós criamos então, lançamos então a candidatura do Arouca. Quem lançou a candidatura do Arouca foi a Escola Nacional da Saúde Pública, o diretor da escola era um correligionário nosso que promoveu, as reuniões se faziam dentro da Escola de Saúde Pública com visível mal estar para a situação atual política que reinava na escola. E houve um trabalho político muito grande, aproveitando-se a abertura política que se iniciava no governo, Ulisses Guimarães teve um papel importante e conseguiu então, o ministro da Saúde eu não lembro quem era... Então se conseguiu que o nome do Arouca fosse levado à presidência do Ministério da Saúde e a presidência e ele foi nomeado. A Fundação mudou

de cara para uma política mais liberal, mais abrangente, mais sólida, no sentido de encarar a saúde...

#### **Fita 4 – Lado B**

FA - Era um dever do Estado e um direito do cidadão, e constituíram-se então as diretorias, as novas diretorias e eu fui o diretor da Escola Nacional de Saúde Pública, num período de quatro anos de acordo com os estatutos nossos que foram depois, até hoje não foram aprovados. De modo que a fundação tem um estatuto (...) um sistema político de reuniões permanentes e assembleias anuais que tiveram a ocasião de examinar a aprovar esse estatuto, mas até hoje esses estatutos não foram aprovados. Depois do período Arouca, sucederam-se outros, eu não me lembro dos nomes, outros presidentes, de certo modo com uma certa relutância, uma certa dificuldade política foi mantida mais ou menos a mesma.

MN -E terminado o mandato de Arouca terminou também o seu mandato de diretor da Escola?

FA - Não, o meu mandato terminou 4 anos, terminava conjuntamente, né?

MN -E por que o senhor foi nomeado depois da posse de Arouca com o...

FA - Depois da posse. Fiquei um pouco mais, 4 anos.

MN -E como diretor da Escola, algum fato marcante, alguma experiência lhe marcou na memória?

FA - Experiências foram muitas, né? Experiências de ordem administrativas, de ordem pedagógica, as mudanças que se esperavam fossem mais claras do lado da Fundação não aconteceram, repressão política, de modo que nós caminhamos no mesmo caminho, claro que o diretor da ENSP junto com os diretores das outras unidades faziam parte do conselho deliberativo e as questões políticas eram todas discutidas pelo conselho. Houve altos e baixos com muitos problemas, mas eu de fato não estou lembrado, não posso detalhar nenhum deles. Parece que a memória recente é pior.

MN - Bem, daí terminado o seu mandato como diretor o senhor voltou para o departamento?

FA - Voltei para o departamento. Criamos então, criei, pouco antes de sair criei um núcleo de estudos e demos o nome de Samuel Pessoa em homenagem ao professor de São Paulo já falecido. Esse núcleo transformou-se recentemente num Departamento de Endemias Samuel Pessoa. Meu relacionamento com Arouca foi tranqüilo todo o tempo, afinal nós comungávamos as mesmas idéias e os mesmos interesses políticos.

MN - Bem. E o que fez o senhor voltar ao Recife? Foi depois que o senhor se aposentou pela Escola Nacional de Saúde Pública?

FA - Não, eu já me aposentei, mas não foi por isso, nós éramos funcionários não estáveis...

MN -(...)

FA -(...) e como a lei do governo passado esses funcionários passavam a ser facultários. E como eu tinha mais de 60 anos, então eu fui aposentado automaticamente. Aposentaram-me automaticamente e passei a trabalhar na escola como professor visitante, recebendo uma bolsa, que ainda recebo, do CNPq que termina agora em janeiro e eu não vou renová-la.

MN - E... como....

FA - Ah! Por que eu vim para Recife? Primeiro porque é minha terra natal e eu tenho duas filhas aqui em Recife, motivos familiares, motivos emotivos, cansaço, viver no Rio de Janeiro já foi um privilégio, hoje é um desafio. Por esses motivos, mas como aposentado eu resolvi a situação de aposentado e sempre uma situação de esquerda, esquerda não no sentido político, embora eu não tenha sofrido nada, se pelo contrário, eu continuei a ser muito bem recebido nessa situação de professor fui tão bem recebido que fui nomeado recentemente, pouco antes de sair do Rio fui nomeado por um DAS que me dava mais, mas eu já estava decidido a voltar para o Recife, fiquei com esse DAS por uns seis meses, só depois pedi demissão e me transferi para o Recife, a bolsa minha também foi transferida para Recife, a bolsa do CNPq. Tem também o 9 de julho, agosto de 1994, e aqui me instalei no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, fui extremamente bem recebido com muita alegria, muito prazer, muita satisfação também da minha parte, mas eu estava... não queria dizer com a saúde abalada não porque eu não estou com a saúde abalada, mas eu estou com a memória fraca. E me junto aqui a um grupo que trabalha aqui com o controle da esquistossomose, inclusive com a minha filha, Constança, e continuamos a desenvolver o trabalho nessa área. Eu aqui recebi muitas homenagens não apenas em Recife, mas em Brasília e no Rio de Janeiro. Em Recife eu fui em uma comemoração dos cinquenta anos, dos 45 anos de fundação do Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães, meu nome foi dado a um teatro menor, do edifício da Fundação do Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, que pertence à Fundação Oswaldo Cruz, unidade regional. Em seguida já em 1995 ou 1994, não me lembro, a Escola Nacional de Saúde Pública fez uma homenagem singela, mas muito comovente que foi me levar para uma sessão plena na Escola, de abertura dos cursos onde eu fiz uma aula inaugural e onde foi lançado o último número do *Cadernos de Saúde Pública* que é a publicação científica da escola, foi lançado em minha homenagem um número especial tratando de epidemiologia nas endemias. Em terceiro lugar me foi conferido o título de, agora em Brasília, na Universidade de Brasília, me foi conferido o título de professor *Honoris Causa*, numa cerimônia presidida pelo diretor (...) presente vários professores de Brasília em que fiz um discurso de agradecimento, enfim a cerimônia correu dessa maneira. E finalmente em 1995, ainda em 1995 há poucas semanas atrás eu viajo ao Rio de Janeiro para autografar meu livro, um livro que eu coordenei chamado *Tópicos de (...) Médica*, em que escrevem vários autores nomeados, escrevem capítulos diferentes sob minha coordenação desse trabalho.

MN - Pronto...

FA - Deixe eu me lembrar que ano deve ter sido isso foi em 1922, cerca de 1922.

MN - Certo, olhando a foto (...)

FA - De preto ... Aqui eu não me lembro, mas olha aqui as cestinhas, está vendo?

MN - Hum-hum.

FA - Encontravam-se em determinado ponto e depois se dividiam, eram muito mais que essas, isso aqui era um pequeno grupo apenas. Encontravam-se, e eram senhoras da mais alta sociedade, as classes mais abastadas do Recife, que foi quem contribuiu com isso foi complementar, está, mais com um sentido de... projeção na sociedade, que havia o Hospital do Centenário, iria existir o Hospital do Centenário porque eu disse aí que o grosso dos recursos saíram do governo do estado ou de doações privadas, particulares. Mas isso servia por... como projeção social...

MN -A festa das rosas consistia em quê? Era uma coisa que comumente era feita pra outros fins?

FA - Sim, comumente era feita para outros fins, essa foi para o Hospital Centenário...

MN - Em que consistia a Festa das Rosas?

FA - Consistia em convocar pessoas, aqui nesse caso eram senhoras todas, para distribuírem rosas à população, ao povo de modo geral, em troca de pequena contribuição para os fundos que estavam sendo arrecadados para a construção do Hospital Centenário. Então estas senhoras se distribuía pelos bairros de centro da cidade, Rua Nova, Imperador, Rua..., por aí, aquela parte central da Boa Vista, Santo Antônio, Boa Vista e então se dava o contato entre o grupo... essas pessoas foram as pessoas que no futuro constituíram, algumas delas, constituíram a Associação Mantedora do Hospital Centenário.

MN - Eu precisava fazer uma cópia dessa foto.

FA - Está.

MN - É possível?

FA - Você acha que, mas não é muito nítida.